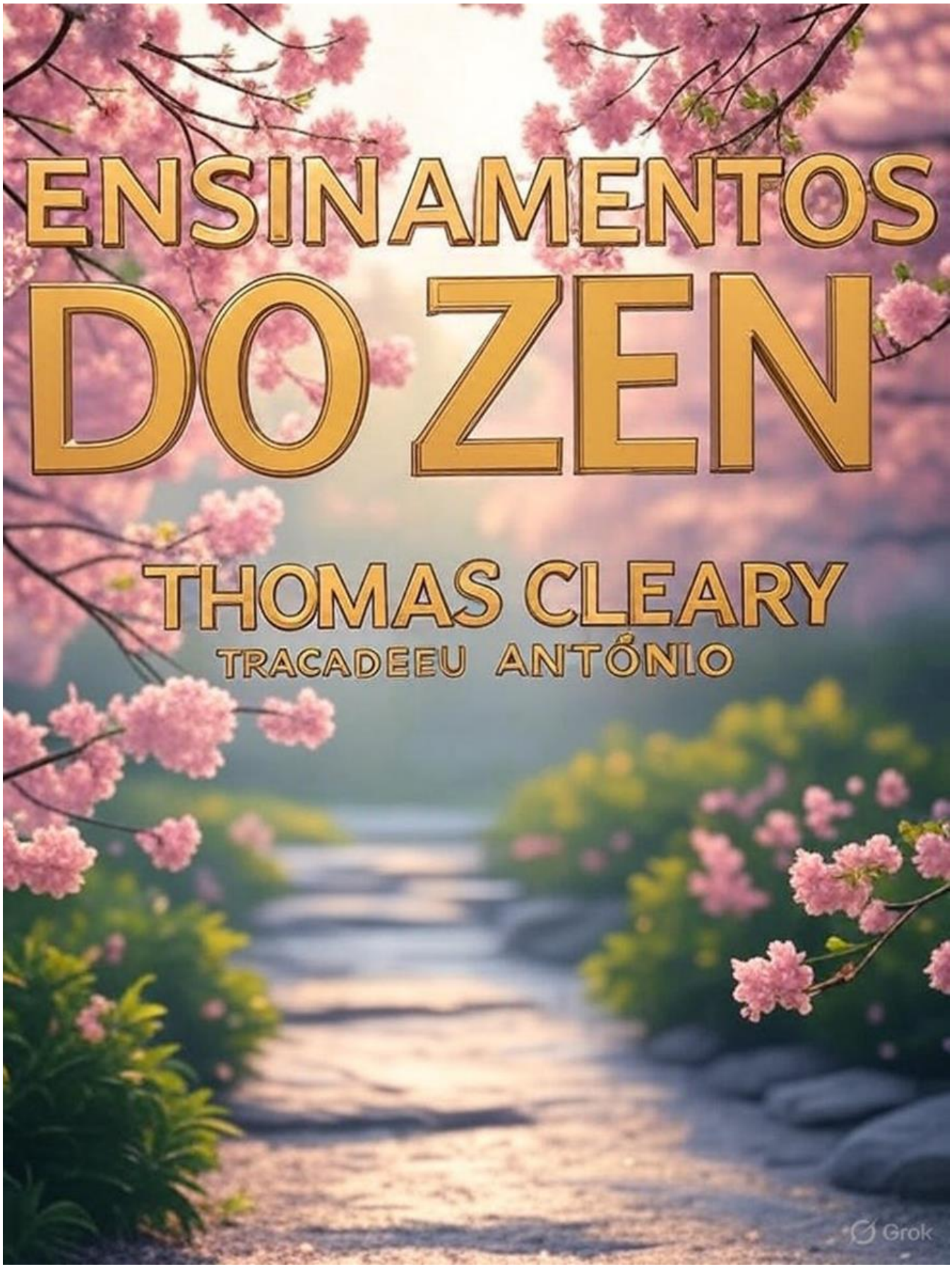
ENSINAMENTOS
DO ZEN
THOMAS CLEARY
TRACADEEU ANTÓNIO
Grok

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA
TRADUÇÃO DE
THOMAS CLEARY 1998

INTRODUÇÃO

O Budismo Zen surgiu na China há cerca de quinze séculos, tornando-se um dos movimentos espirituais mais dinâmicos da Ásia durante mais de mil anos.

Após gerações de experimentação com o Budismo, os mestres Zen descobriram que a iluminação não pode ser alcançada simplesmente pela adesão literal ao dogma ou pela execução mecânica de sistemas fixos de práticas.

Voltando à origem do Budismo na experiência pessoal de iluminação, o ensino Zen enfatizou a libertação das capacidades mentais subtis da prisão dos hábitos de pensamento condicionados e das propensões psicológicas grosseiras.

Os formatos religiosos convencionais tinham externalizado os ensinamentos budistas sob a forma de mitos, doutrinas e rituais. Os mestres Zen internalizaram os ensinamentos budistas como alegorias para perceções, práticas e experiências de princípios metafísicos, posturas mentais, processos psicológicos, estados psíquicos e capacidades espirituais.

Ao projetar tais interpretações do Budismo, os mestres Zen não estavam realmente a inovar, mas a concentrar-se em certos ensinamentos centrais das escrituras budistas. Mesmo o ensino característico do Zen de que "a mente é Buda" não é uma invenção Zen, mas encontra-se nas fontes escriturais.

Embora tenham sido chamados iconoclastas, os mestres Zen não se opunham à prática da religião convencional, exceto quando a obsessão pelas formalidades do dogma e do ritual inibia a experiência espiritual da verdade sem forma.

Num nível mais profundo, os mestres Zen procuravam restaurar e expressar o significado vivo da religião e da filosofia; o ensino Zen era "estudar a palavra viva, não a palavra morta". O Zen não só

reavivou o Budismo desta forma, como também revitalizou o Taoismo, o Confucionismo, o Xintoísmo e o xamanismo, revelando as suas dimensões espirituais mais elevadas.

O Monarca da Mente

Observa o vazio monarca da mente; misterioso, subtil, insondável, não tem forma nem figura, e no entanto possui um grande poder espiritual, capaz de extinguir mil aflições e aperfeiçoar dez mil virtudes. Embora a sua essência seja vazia, pode fornecer orientação. Quando olhas para ele, não tem forma; quando o chamas, tem voz. Age como um grande líder espiritual; a disciplina mental transmite a escritura.

Tal como o sal na água, tal como o aglutinante na cor, está certamente presente, mas não se vê a sua forma; assim é o monarca da mente — habitando dentro do corpo, entrando e saindo pelos sentidos, responde livremente aos seres de acordo com as condições, sem impedimentos, tendo sucesso em tudo o que faz.

Quando compreendes o fundamental, percebes a mente; quando percebes a mente, vês Buda. Esta mente é Buda; Buda é a mente. Mantendo a atenção na mente búdica, a mente búdica mantém atenção em Buda. Se queres alcançar rapidamente a realização, disciplina a tua mente, regula-te a ti próprio. Quando purificas os teus hábitos e purificas a tua mente, a própria mente é Buda; não existe Buda para além deste monarca da mente.

Se queres alcançar a budeidade, não te deixes manchar por nada. Embora a essência da mente seja vazia, a substância da cobiça e da raiva é sólida. Para entrar por esta porta até à fonte, senta-te direito e sê Buda. Quando chegares à outra margem, alcançarás as perfeições.

Pessoas que procuram o caminho, observem vocês próprios a vossa mente. Quando sabem que Buda está no interior e não procuram no exterior, então a mente é Buda, e Buda é a mente. Quando a mente está clara, percebes Buda e compreendes a mente que percebe.

Separada da mente, não há Buda; separada de Buda, não há mente. Sem Buda, nada se compreende; não há competência alguma.

Se te agarras ao vazio e permaneces na quietude, irás oscilar e afundar-te nisso: os budas e bodhisattvas não mantêm a mente dessa forma. Grandes pessoas que clarificam a mente compreendem esta mensagem mística; corpo e mente naturalmente sublimados, a sua ação é imutável. Por isso, os sábios libertam a mente para que seja independente e livre.

Não digas que o monarca da mente é vazio por não ter natureza essencial; ele pode levar o corpo físico a fazer o bem ou o mal. Nem ser, nem não-ser, oculta-se e revela-se sem se fixar. Embora a essência da mente seja vazia, pode ser ordinária e pode ser santa: por isso, exorto-te a guardá-la cuidadosamente — um momento de artifício, e voltarás a oscilar e a afundar-te.

O conhecimento da mente pura e limpa é como ouro amarelo para o mundo; o tesouro espiritual da sabedoria está todo no corpo e na mente. O tesouro espiritual não-criado não é nem superficial nem profundo. Os budas e bodhisattvas compreendem esta mente fundamental; para aqueles que têm a oportunidade de a encontrar, ela não é passado, futuro ou presente.

Fu Shan-hui (487-569)

Cinco Tipos de Método de Meditação

Conhece a essência da mente. A sua essência intrínseca é pura clareza. É essencialmente a mesma que a de um buda.

Conhece as funções da mente. As suas funções produzem o tesouro dos ensinamentos. Quando a sua atividade está sempre em silêncio, miríades de ilusões tornam-se talidade.
Mantém-te constantemente consciente, sem interrupção. Quando a mente consciente está presente, ela percebe a ausência de forma das coisas.

Vê constantemente o teu corpo como vazio e silencioso, interior e exterior em comunhão na mesma unidade. Mergulha o corpo no reino da realidade, onde nunca houve qualquer obstrução.

Mantém-te na unidade sem te deslocares. Com presença constante,

quer em atividade quer em quietude, o estudante pode ver claramente a natureza búdica.

Tao-hsin (580-651)

Deixa a Tua Mente Livre

Foi perguntado: "Como devem aqueles que entram no caminho aplicar a sua mente?"
Todas as coisas são originalmente não-criadas e, no presente, não morrem. Apenas deixa a tua mente livre; não precisas de a reprimir.

Vê diretamente e ouve diretamente; vem diretamente e vai diretamente. Quando tiveres de ir, vai; quando tiveres de ficar, fica.

Este é o verdadeiro caminho. Uma escritura diz: "A existência condicionada é o local da iluminação, na medida em que a conheces tal como realmente é."

Niu-t'ou Hui-chung (683-769)

Sem Performance

Foi perguntado: "Se alguém quiser praticar o caminho agora, que técnica deve executar para alcançar a libertação?"

As pessoas que veem a budeidade imediatamente percebem a fonte da mente sem executar técnicas. Quando vês claramente a natureza búdica, esta própria mente é Buda, porque não é nem ilusória nem real. Uma escritura diz: "Abandonando diretamente os expedientes, apenas expõe o caminho insuperável."

Hui-chung

A Mente Normal É o Caminho

O caminho não requer cultivo; apenas não o conspurques. O que é conspurcação? Enquanto tiveres uma mente oscilante, artificialidade ou tendências compulsivas, tudo isso é conspurcação.

Se quiseres compreender diretamente o caminho, a mente normal é o

caminho. O que chamo de mente normal é livre de artificialidade: nela não há certo ou errado, não há apego ou rejeição, não há extinção ou permanência, não há banalidade ou santidade. Uma escritura diz: "Nem a conduta das pessoas comuns nem a conduta dos santos, é a conduta dos seres iluminados."

Neste momento, ao andares, estares de pé, sentares-te ou deitares-te, respondendo a situações e lidando com pessoas, tudo é o caminho. O caminho é o reino da realidade. Por mais incontáveis e inconcebíveis que sejam as funções, elas não estão para além do reino da realidade. Se não fosse assim, como poderíamos falar do ensinamento do fundamento da mente, como poderíamos falar da lâmpada inesgotável?

Todos os fenómenos são fenómenos mentais; todos os nomes são nomeados pela mente. Todos os fenómenos surgem da mente; a mente é a raiz de todos os fenómenos. Uma escritura diz: "Quando conheces a mente e chegas à fonte original, nesse sentido podes ser considerado um devoto."

A equivalência de termos, a equivalência de significados e a equivalência de todas as verdades são totalmente uma só, sem adulteração. Se conseguires atingir o domínio livre e situacional dos ensinamentos, quando defines o reino da realidade, tudo é reino da realidade; quando defines a verdadeira talidade, tudo é verdadeira talidade. Se falares em termos de conceitos abstratos, todas as realidades são conceitos abstratos; se falares em termos de factos concretos, todas as realidades são factos concretos. Levanta um, e mil seguem; princípio abstrato e facto concreto não são diferentes. Tudo são funções inconcebíveis; não há outro princípio. Tudo deriva da operação da mente.

Metaforicamente, é como o facto de haver uma pluralidade de reflexos da lua, mas não pluralidade na lua real. Há pluralidade de fontes de água, mas não pluralidade na essência da água. Há pluralidade nas miríades de formas, mas não há pluralidade no espaço. Há pluralidade nos princípios expostos, mas não pluralidade na inteligência livre.

Todos os tipos de estabelecimentos derivam de uma só mente: podes erguê-los, e podes desmontá-los; ambos são funções inconcebíveis, e

funções inconcebíveis são todas tuas. Se não há lugar onde estar separado da realidade, então onde estás é real; tudo é a estrutura da tua própria casa. Se alguém for de outro modo, então quem é?

Todas as coisas são ensinamentos budistas; todas as coisas são libertadoras. A libertação é verdadeira talidade, e nada está separado da verdadeira talidade. Andar, estar de pé, sentar e deitar são todos atos inconcebíveis.

Isto não depende do tempo: a escritura diz: "Em toda a parte, em todo o lugar, é considerado Buda." Um buda é aquele que é capaz de humanidade, que tem conhecimento e sabedoria, que percebe com precisão os potenciais e os estados mentais e consegue cortar a teia de dúvidas de todos os seres vivos, libertando-se de enredamentos como ser e não-ser, de modo que tanto os sentimentos profanos como os sagrados acabam, e personalidade e fenómenos são ambos vazios: então um buda faz girar a incomparável roda do ensinamento que transcende o cálculo e a medição, sem obstrução na ação, comunicando tanto factos concretos como princípios abstratos.

É como nuvens que surgem no céu: de repente lá estão, e depois desaparecem sem deixar rasto. E é como desenhar um padrão na água: nem nasce nem perece. Isto é paz cósmica e descanso eterno. Quando está encerrado, chama-se matriz da realização da talidade; quando emerge do encerramento, chama-se corpo cósmico da realidade.

O corpo da realidade é infinito; a sua substância nem aumenta nem diminui. Pode ser grande ou pequeno, quadrado ou redondo; manifesta formas visíveis de acordo com as coisas e os seres, como a lua refletida na água. A sua função expansiva não cria raízes: não esgota a ação deliberada e não habita no não-fazer. A ação deliberada é função da não-artificialidade; a não-artificialidade é a base da ação deliberada. Por não se estar fixado na base, diz-se que se é independente, como o espaço.

Quanto aos significados de nascimento e morte da mente e à verdadeira talidade da mente, a verdadeira talidade da mente é como um espelho límpido que reflete imagens: a mente é como o espelho, as imagens são como os fenómenos. Se a mente se agarra aos fenómenos, então envolve-se em causas e condições externas; este é

o significado do nascimento e morte da mente. Se não se agarra aos fenómenos, este é o significado da verdadeira talidade da mente.

Os seguidores ouvem falar em ver a natureza búdica; os seres iluminados veem a natureza búdica com os seus próprios olhos. Quando realizas a não-dualidade, os termos são equivalentes, não havendo diferença na essência mas não sendo iguais no uso. O que se chama consciência num estado de ilusão chama-se conhecimento no estado iluminado; seguir o princípio chama-se iluminação, seguir as coisas chama-se ilusão.

Quando estás iludido, isso significa que perdeste de vista a tua mente original. Quando estás iluminado, isso significa que realizaste a tua mente original. Uma vez iluminado, estás para sempre iluminado e não voltas a ficar iludido. É como quando o sol aparece, não se mistura com a escuridão; quando o sol do conhecimento e da sabedoria emerge, não está junto com a escuridão das aflições.

Quando compreendes a mente e os objetos, então as imaginações ociosas não surgem. Quando as imaginações ociosas não surgem, isso é aceitação do não-criado. O que é fundamentalmente presente está presente agora; não precisas de cultivar o caminho e sentar-te em meditação. Não cultivar e não se sentar é a meditação pura daqueles que realizam a talidade.

Agora, se vires este princípio de forma verdadeira e precisa e não fabricares quaisquer ações, mas viveres a tua vida de acordo com a tua sorte, satisfazendo as tuas necessidades mínimas onde quer que estejas, com a conduta disciplinada a surtir cada vez mais efeito, acumulando ações puras — enquanto fores capaz disto, por que te preocuparias com não alcançar a mestria?

Ma-tsu (709-788)

O Corpo da Realidade

A essência da mente não tem forma; isto, em si, é o subtil corpo da realidade. A essência da mente é, por natureza, vazia; isto, em si, é o corpo infinito do espaço. Demonstrar um conjunto de práticas é o corpo da realidade das virtudes. O corpo da realidade é a raiz das miríades de emanações, que recebem nome conforme a situação. O

seu conhecimento e função são infinitos; este é o tesouro inesgotável.

Ta-chu (século VIII)

Obtém a Raiz

Cada um deve clarificar individualmente a sua própria mente, chegando à raiz sem perseguir os ramos. Basta obter a raiz, e os ramos surgem por si. Se queres obter a raiz, basta conheceres a tua mente. Esta mente é, basicamente, a raiz de todos os fenómenos mundanos e supramundanos. Enquanto a mente não se deixar obcecar por todo o bem e mal, compreenderás que todas as coisas são, basicamente, simplesmente assim.

Ta-mei (c. 805)

Ensinamentos Verbais

Os ensinamentos verbais existem apenas para curar doenças. Como as doenças não são todas iguais, também os remédios são diferentes. É por isso que, por vezes, se diz que há Buda e, por vezes, se diz que não há Buda.

Palavras verdadeiras são aquelas que efetivamente curam a doença; se o remédio conseguir curar, então todas são palavras verdadeiras. Se não conseguir curar eficazmente, todas são palavras falsas. Palavras verdadeiras são falsas quando dão origem a visões. Palavras falsas são verdadeiras quando cortam as ilusões dos seres sencientes. Como a doença é irreal, só existe remédio irreal para a curar.

Pai-chang (720-814)

Vistas Internas e Externas

Apegar-se a si próprio como Buda, a si próprio como Zen ou como o caminho, fazendo disso uma compreensão, é chamado apego à vista interna. A realização por causas e condições, prática e iluminação, é chamada vista externa. O Mestre Pao-chih disse: "A vista interna e a vista externa são ambas erradas."

Pai-chang

Busca

Buda é aquele que não busca. Ao buscar, afastas-te dele. O princípio é o princípio do não-buscar; quando o buscas, perde-lo.

Se te agarras ao não-buscar, isto é o mesmo que buscar. Se te agarras ao não-esforço, isto é o mesmo que esforçar-te. Assim, a Escritura do Cortador de Diamantes diz: "Não agarres a verdade, não agarres a falsidade, e não agarres aquilo que não é falsidade."
Diz também: "A verdade que os budas encontram não tem realidade nem irrealidade."

Libertação em Todos os Lugares

Não busques um buda, não busques um ensinamento, não busques uma comunidade. Não busques virtude, conhecimento, compreensão intelectual, e assim por diante. Quando os sentimentos de impureza e pureza terminam, ainda assim não retenhas este não-buscar nem o consideres correto. Não fiques no ponto final, e não desejes os céus nem temas os infernos. Quando não és limitado nem pela prisão nem pela liberdade, então isso é chamado libertação da mente e do corpo em todos os lugares.

Um Método de Despertar

Primeiro, põe de lado todos os envolvimentos e preocupações; não recordes nem te lembres de coisa alguma, seja boa ou má, mundana ou transcendente. Não te envolvas em pensamentos. Solta corpo e mente, deixando-os livres.

Quando a mente é como madeira ou pedra, não explicas nada, e a mente não vai a parte nenhuma, então o solo da mente torna-se como o espaço, onde o sol da sabedoria surge naturalmente. É como se as nuvens se abrissem e o sol aparecesse.

Basta pôr fim a todas as ligações que aprisionam, e os sentimentos de cobiça, ódio, desejo, impureza e pureza terminam todos.
Inabalável diante de desejos internos e influências externas, não

bloqueado pela perceção e cognição, não confundido por nada, naturalmente dotado de todas as virtudes e do uso inconcebível das capacidades espirituais — assim é alguém livre.

Ter uma mente nem parada nem perturbada perante todas as coisas do ambiente, nem concentrada nem dispersa, passando por todos os sons e formas sem se deter nem obstruir, é chamado ser um viajante do caminho.

Não colocar em movimento o bem ou o mal, o certo ou o errado, não se apegar a uma única coisa, não rejeitar uma única coisa, é chamado ser membro da grande caravana.
Não ser preso por qualquer bem ou mal, vazio ou existência, impureza ou pureza, esforço ou não-esforço, mundano ou transcendente, virtude ou conhecimento, é chamado sabedoria iluminada.

Uma vez que a afirmação e a negação, o gosto e o desgosto, a aprovação e a desaprovação, e todas as várias opiniões e sentimentos terminem e não te possam aprisionar, então és livre onde quer que estejas. Isto é o que se chama um bodhisattva que, no momento de inspiração, ascende imediatamente ao estágio de budeidade.

Pai-chang

Esta Luz Abundante

Guardas algo espiritual: não é algo que possas fabricar, nem algo que possas descrever. Neste nosso terreno, não há Buda, não há nirvana, e não há caminho a praticar, nem doutrina a concretizar. O caminho não está dentro da existência ou da não-existência — que método haveria então para praticar? Esta luz abundante, onde quer que estejas, em qualquer situação, é, em si, o grande caminho.

Tan-hsia (739-824)

Compreensão Mística

A compreensão mística da verdade não é perceção nem cognição. É por isso que se diz que se chega à fonte original parando a mente, sendo por isso chamado o estado iluminado de ser tal como é, o indivíduo livre e independente em grau supremo.

Nan-ch'uan (748-834)

Verdade Absoluta

O corpo da verdade não é construído; não cai em qualquer categoria. A verdade é inabalável; não depende dos objetos dos seis sentidos. Por isso, a escritura diz que a natureza búdica é constante, enquanto a mente é inconstante. É nesse sentido que o conhecimento não é o caminho e a mente não é Buda.

Por agora, não digas que a mente é Buda; não compreendas em termos de perceção e cognição. Esta coisa, originalmente, não tem nenhum desses nomes.

Nan-ch'uan

Prática

Alguém perguntou a Nan-ch'uan: "Como é que alguém cultiva a prática?"

Nan-ch'uan respondeu: "Não pode ser algo pensado. Dizer às pessoas para cultivarem de tal ou tal forma, ou para praticarem de tal ou tal maneira, é muito difícil."

O interlocutor perguntou então: "Então não deixará os estudantes cultivar a prática de todo?"
Nan-ch'uan respondeu: "Não vos posso impedir."

"Como devo praticar?"

Nan-ch’uan disse: “Faz o que tens de fazer; não te limites a seguir atrás dos outros.”
Mente Sem Forma

A mente sem forma pode atuar com brilho, respondendo ao som, respondendo à forma, iluminando onde quer que seja dirigida. Mesmo que possa estar localizada, não é local; acompanhando o fluxo, alto e baixo, é totalmente inconcebível. Se a procurares, não tem cabeça nem cauda; de onde vêm as suas ondas de luz radiante? Justamente isto, agora, é tudo mental: a mente é usada para clarificar a mente, e a mente retorna à espontaneidade. Como não reside em parte alguma, onde a poderias procurar? A sua atuação não deixa pistas nem vestígios. Conhece a pessoa que está claramente a buscar neste momento — não ignores isto para procurares outro objetivo.

Kao-ch’eng (s.d.)

Espiritualidade

Se houvesse algum objeto, alguma doutrina, que pudesse ser-te dada para segurar ou compreender, isso reduzir-te-ia à confusão e ao exteriorismo. É apenas uma abertura espiritual, sem nada que possa ser agarrado; é pura em toda a parte, a sua luz penetrando claramente, luminosa por fora e por dentro, de um lado ao outro.

Te-shan († 867)

Libertação

Não ames a santidade; a santidade é um nome vazio. Não há outra verdade especial senão esta abertura espiritual radiante, sem obstruções e livre. Não se alcança por adorno ou realização cultivada. Dos budas aos mestres Zen, todos transmitiram este ensinamento, pelo qual alcançaram a libertação.

Te-shan

O Negócio do Zen

Um dia, o governador da província perguntou a Mu-chou (780-877): "Qual é o negócio do Zen?"

Mu-chou disse: "Vem cá, vem cá."

O governador aproximou-se; Mu-chou disse: "Tu consegues mesmo falar disparates!"
O governador ficou sem palavras. Finalmente Mu-chou perguntou: "Quem viste tu?"
O governador disse que tinha visto tal e tal antigo adepto. Mu-chou perguntou: "E mais?" O governador respondeu que tinha lido escrituras. Mu-chou bateu de repente na sua cadeira e disse: "Nos ensinamentos, como se chama isto?"

O governador disse: "Não se fala disso nos ensinamentos."

Mu-chou disse: "Nos ensinamentos está escrito: 'O trabalho produtivo como meio de sustento não é contrário à verdade.' E quanto a isso?"

O governador não teve resposta.

Avaliar Mestres

Quando viajava, não escolhia comunidades com base no facto de terem ou não provisões materiais; só me preocupava em ver se a perceção delas indicava alguma capacidade. Se sim, então poderia ficar um verão ou um inverno; mas se fossem de espírito pequeno, partia em dois ou três dias. Embora tenha visitado mais de sessenta mestres proeminentes, apenas um ou dois tinham grande perceção. O resto mal tinha verdadeiro conhecimento — só queriam as tuas doações.

Ta-sui (834-919)

A Natureza Essencial

A natureza essencial é, originalmente, pura e dotada de miríades de virtudes, mas surgem diferenciações devido a seguir condições que são impuras ou puras. Assim, os sábios compreendem isto e usam-na apenas de modos puros, alcançando assim a iluminação, enquanto as pessoas comuns falham e usam-na apenas de modos impuros, afundando-se em rotinas moribundas. A sua essência não é dupla; por isso as escrituras sobre a sabedoria transcendente dizem que "não há dualidade, não há divisão, porque não há desunião, não há separação."

Ta-sui

Uma Joia Inestimável

Cada um de vós tem uma jóia inestimável no próprio corpo. Ela irradia luz através dos olhos, brilhando sobre as montanhas, rios e terra. Irradia luz através dos ouvidos, recebendo todos os sons, bons e maus. Irradia luz através dos seis sentidos, dia e noite. Isto também se chama absorção na luz. Tu próprio não a reconheces, mas ela está no teu corpo físico, sustentando-o por dentro e por fora, não o deixando tombar. Mesmo que estejas a carregar um duplo fardo de pedras sobre uma ponte de um só tronco, ainda assim não te deixa cair. O que é isto? Se a procurares minimamente, então não poderá ser vista.

Ta-an († 883)

Fluir Livremente

Todas as coisas fluem livremente, sem entraves — que prisão há, que enredamento? Tu próprio crias a tua dificuldade e a tua facilidade dentro disso. A fonte da mente permeia as dez direções numa só continuidade; aqueles de faculdades mais elevadas compreendem naturalmente.

Tzu-hu (800-880)

Independência

Não há outra tarefa senão conhecer o teu próprio rosto original. Isto chama-se independência; o espírito é claro e livre. Se disseres que há alguma doutrina ou linhagem particular, serás totalmente enganado. Apenas olha para o teu coração; há uma clareza transcendental. Basta não teres ganância nem dependência e alcançarás imediatamente a certeza.

Yen-t'ou (828-887)

Degeneração do Zen

Há noventa anos, vi mais de oitenta mestres da escola do grande mestre Ma-tsu. Cada um deles era um adepto, diferente dos mestres de hoje, que produzem ramos e gavinhas sobre ramos e gavinhas. A maioria está longe da santidade, e cada geração é pior que a anterior.

E quanto à frase habitual de Nan-ch'uan de que devemos agir no meio de diferentes tipos? Como entendes isto? Hoje em dia, jovens de boca amarela fazem discursos complicados nas encruzilhadas em troca de comida, buscando reverência, reunindo multidões de três a cinco centenas, dizendo: "Eu sou o mestre, vocês são os estudantes."

Chao-chou (778-897)

A Mente Normal

Chao-chou foi perguntado: "Uma pessoa com a mente normal ainda deve ser ensinada?"
Chao-chou disse: "Não entro pela porta de tal pessoa."
O interlocutor perguntou: "Então não seria alguém afundado no além?"
Chao-chou retorquiu: "Uma bela 'mente normal'!"

Sem Enganos

Vens aqui à procura de ditos e conversas, expressões novas e frases elegantes, apegando-te inutilmente à verbalização. Sou velho e a minha energia não é grande; sou um orador lento e não tenho conversa ociosa para ti. Se me fizeres perguntas, respondo de acordo com as tuas perguntas, mas não tenho nenhum prodígio misterioso que te possa transmitir, e não quero que fiques obcecado.

Nunca afirmo a existência de Buda e Dharma, de pessoa comum e santo, seja no além ou no aqui e agora; e não tenho intenção de me sentar aqui a prender-vos. Passas por mil mudanças, mas tudo isso és tu a conceber interpretações, carregando-as contigo, experimentando os resultados das tuas próprias ações. Não tenho nada aqui para ti, nem nada exotérico ou esotérico para te explicar, nenhuma aparência ou intenção para te apresentar.

T'ou-tzu (819-914)

Natural

Falar de praticar o caminho é uma expressão de encorajamento, um termo de indução; nunca houve qualquer doutrina para dar às pessoas, apenas transmissão de várias técnicas expedientes. Estas servem para expressar a ideia essencial, para levar as pessoas a conhecerem as suas próprias mentes. No fim, não há doutrina a obter, nem caminho a praticar. Por isso se diz: "O caminho da iluminação é natural."

Lung-ya (834-920)

O Oceano do Conhecimento

Já te familiarizaste com o oceano do conhecimento intuitivo da essência e das formas da pura talidade original? Se não te familiarizaste, e quanto às montanhas verdes aqui diante dos teus olhos — vês?

Se dizes que vês, como é que vês? Se dizes que não vês, como podem as montanhas verdes ser chamadas invisíveis?

Compreendes? É simplesmente que o teu oceano de conhecimento intuitivo da essência e das formas da pura talidade original está dotado de visão e audição. Se compreendes, é simplesmente assim; se não compreendes, é ainda simplesmente assim.

Hsuan-sha (séculos IX-X)

A Tua Própria Experiência

Toda a realidade é eterna, toda a essência é tal como é: apenas não busques exteriormente. Se tens uma grande raiz de fé, os budas são apenas estados da tua própria experiência; quer estejas a andar, de pé, sentado ou deitado, nunca deixa de ser isto.

O facto de eu falar-te diretamente agora já é pressionar o livre para a servidão. Concordarias em falar assim? E como entendes concordar ou não concordar?

Hsuan-sha

Nenhuma Coisa

Não há nenhuma coisa no Budismo — ele pode dar vida às pessoas e pode matá-las também. Ver a natureza essencial e alcançar a iluminação penetra todo o tempo.

Hsuan-sha

A Realidade da Mente

A terra e o céu são inteiramente compostos pela mente, mas como explicas o princípio de serem compostos pela mente? E como explicas a realidade da mente sem forma a permear as dez direções? Não há parte que não provenha da compaixão a gerar conhecimento, não há parte que não provenha do conhecimento a ativar a compaixão, e não há parte que não provenha de compaixão e conhecimento a iluminarem igualmente o oceano da natureza essencial, permeando o universo, completamente fluido e livre.

Conhecendo a luz e a escuridão, a matéria e o vazio, compaixão e

conhecimento acabam por conduzir à porta da concentração da bondade, com recompensa, resposta e realidade, independentes e livres, beneficiando amplamente o mundo. Toda a terra e o espaço aberto são manifestações da porta da concentração da bondade. É por isso que se diz que a realidade da mente sem forma permeia as dez direções.

Hsuan-sha

Amplamente Aberto

O caminho dos budas está amplamente aberto, sem quaisquer etapas. A porta do nada é a porta para a libertação; não ter intenção é a vontade de ajudar os outros. Não está dentro do passado, presente e futuro, por isso não pode subir nem descer; as construções opõem-se à realidade, porque não está no domínio do criado.

Mover-te, e produzes a raiz do nascimento e da morte; estar parado, e embriagas-te na aldeia do esquecimento. Se movimento e quietude forem ambos apagados, cais na aniquilação vazia; se movimento e quietude forem ambos retirados, presumes possuir a natureza de buda.
Deves ser como uma árvore morta ou cinza fria perante objetos e situações, agindo responsivamente de acordo com o momento, sem perder o equilíbrio adequado. Um espelho reflete uma multidão de imagens sem que confundam o seu brilho; os pássaros voam pelo céu sem misturar a cor do céu.

Hsuan-sha

A Grande Tarefa

Enquanto não tiveres cumprido a grande tarefa e não estiveres em comunhão com a linhagem de sangue da fonte, deves evitar memorizar ditos e viver dentro da consciência conceptual. Não foi dito: "Os conceitos agem como ladrões, a consciência torna-se ondas"? Todos foram arrastados e afogados. Não há liberdade nisso.

Se não tiveres dominado a grande tarefa, nada se compara a parar, no sentido de cessação tranquila, purificando e aquietando corpo e

mente. Em todo o tempo evita fixar-te obsessivamente nas coisas, e será fácil desvelar isto.

Ku-shan (m. c. 940)

O Objeto da Investigação

Ku-shan foi questionado: "Qual é o objeto básico da investigação?" Respondeu: "Como alguém chegou a tal estado."

Nomes e Realidades

Um antigo disse: "'Buda' e 'Dharma' são métodos de ensino construídos; os termos Zen e Tao são conversa para acalmar crianças." Os nomes não têm relação com as realidades, as realidades não têm relação com os nomes; se te agarrares aos nomes, serás bloqueado do mistério.

É por isso que te digo que os ditos não correspondem ao potencial, as palavras não expõem as realidades. Aqueles que aceitam as palavras perecem; aqueles que se demoram nos ditos perdem-se. Quando apanhas o peixe, esqueces a armadilha; quando obténs o sentido, esqueces as palavras. Usamos a rede para apanhar o peixe; o peixe não é a rede.

Ku-shan

O Que Te Perturba

O que te perturba e inquieta é haver coisas fora e mente dentro. Portanto, mesmo quando o comum e o sagrado são uma só realidade, permanece uma barreira de visão. Assim se diz que, enquanto restarem visões, és comum; quando os sentimentos são esquecidos, és buda. Aconselho-te, não busques a realidade, apenas cessa as visões.

Fa-yen (885-958)

O Olho do Coração

Para expor o veículo até à fonte e trazer o grande ensinamento, é necessário atingir total clareza do olho objetivo; só então podes perceber a distinção entre o iniciado e o ingénuo. Porque realidade e falsidade têm a mesma origem, é difícil distingui-las, como água e leite no mesmo recipiente. Eu uso sempre o olho do meu coração para observar as aparências externas. Continuo a observar até discernir o verdadeiro do falso. Como poderia ser chamado mestre quem não faz isto?

Tung-shan Shou-chu (c. 910/15–990/95)

A Mente Normal

Perguntaram a Tung-shan: "A mente normal é o caminho; o que é a mente normal?"
Ele respondeu: "Não apanhar coisas pelo caminho."

Excesso

Se queres procurar demasiado, isso pode dificultar o caminho. Quanto a ti, podes dizer que o teu trabalho está concluído? Se não, então mil formas de conversa astuta não melhoram a tua mente; qual a razão para dez mil tipos de pensamento?

Chih-men (fl. c. 1000-1020)

O Ponto Crucial

Quando tentas fixar a mente nisso, perdes; quando agitas os pensamentos, afastas-te. Se não tentas e não agitas, vives em água estagnada. Qual é o ponto crucial para um zenista? Haverá algum benefício neste dito antigo? Se dizes que há benefício, ficas fatalmente preso às palavras. Se dizes que não há benefício, qual é a intenção?
É por isso que se diz: "O coração do nirvana é fácil de realizar; o conhecimento da diferenciação é difícil de clarificar."

Chih-men

Que Coisa

Que coisa não é alcançada quando arduamente procurada?
Que coisa vem por si sem ser procurada?
Que coisa não se parte sob o golpe de um martelo de ferro?
Que coisa fecha de noite e abre de dia?

Chih-men

A Verdade e as Palavras

Originalmente não há palavra para a verdade, mas o caminho até ela é revelado por palavras. O caminho não tem originalmente explicação, mas a realidade é tornada clara pela explicação. É por isso que os budas apareceram no mundo com muitos métodos expedientes; todo o cânone distribui remédios de acordo com as doenças.

Shih-shuang (986-1039)

A Causa do Sofrimento

A ganância é a causa básica do sofrimento; se extinguires a ganância, não terá fundamento. Se não tens ganância, estás limpo e livre onde quer que estejas; as montanhas, rios e a terra não bloqueiam a luz dos teus olhos.

She-hsien (séculos X-XI)

Olhos para o Estudo

O estudo do Zen só pode ser feito com os olhos para o estudo do Zen; se te limitas a ser atraído pelos ditos dos outros e a memorizá-los, não conseguirás cortar através de ti mesmo.

Shen-ting (séculos X-XI)

Sem Estilo Sectário

Não tenho ditos ou declarações para te fazer compreender, nem ditos ou declarações para te fazer estudar. E não tenho estilo sectário para te fazer adotar. Apenas distingo o certo do errado para que não saltes para conclusões e penses que alcançaste quando não alcançaste.

Ch'eng-ku (fl. c. 1037)

Olha para Ti Mesmo

O espaço não tem dentro nem fora; o mesmo acontece com a realidade da mente. Se compreendes o espaço, isso é chegar ao princípio da realidade tal como é.

Este era o caminho dos antigos mestres, mas os descendentes posteriores não o conseguiram prosseguir. Isso porque é fácil de entender, mas difícil de ver.

Compreender assim que é mencionado chama-se conceber interpretação segundo as palavras; também é chamado penetração dependente. Também é chamado compreensão de papagaio. Não é realização pessoal nem despertar pessoal. Portanto, as dúvidas não cessam.

Porque não têm base em que se apoiar e a sua consciência, carregada de hábitos, é maníaca, as pessoas produzem visões idiossincráticas. Dizem: "Não entrarei neste poço profundo de libertação" e "Que fim há em correr neste reino espiritual? Porque não procurar uma saída?"

Ou dizem: "Tenho algo transcendental dentro de mim" ou "Tenho o caminho para a libertação penetrante dentro de mim." Quando lhes perguntam qual é o caminho para a libertação penetrante, alguns dizem: "Os burros escolhem lugares húmidos para urinar" ou "Na primavera a relva é de um verde profundo." Tomando o caminho dos antigos mestres, sustentam antes os ensinamentos verbais como modelo supremo.

Isto chama-se desconsiderar a mente e valorizar a doutrina, abandonando a raiz e perseguindo os ramos, como um cão a correr atrás de um torrão. Há cento e dez anos que todos são assim. O Mestre Hsueh-feng disse: "Os grandes mestres partiram, enterrados nas ervas por vocês hoje."

Se conseguires entrar pelo caminho dos antigos mestres, será como cem mil sóis e luas, libertando todos os seres sencientes do universo. Se entrares nos ensinamentos verbais, será como a luz de um pirilampo, e nem sequer conseguirás salvar-te a ti próprio. Porquê? Porque ainda é sabedoria estéril. Liberta-te do conhecimento literal e olha para ti mesmo.

Ch'eng-ku

Prostituir-se por Aparências

Se não sabes que existe um eu original, e não sabes que existe algo como o caminho além, e em vez disso aprendes a questionar e responder com base em escritos e palavras, que relevância tem isso?

Com três ou cinco cadernos de excertos e notas, para onde quer que vás passar o verão ou o inverno na congregação de um mestre, pedes mais instrução sobre cada item, logo desde o início, e falas sobre subida e descida, perceção e função, vertical e horizontal, tornando-te um claro zenista, sem depender de nada. Dizes que a questão do teu próprio eu está clara, e guardas isso no peito como a regra suprema.

Eventualmente queres ser chamado mestre Zen e abrir os olhos a pessoas posteriores. Quanto enterram os antigos mestres e desencaminham os posteriores! Se tentares contrariar nascimento e morte com coisas destas, funcionará? Mesmo que imediatamente tenhas uma grande visão e um grande despertar, e possas falar como nuvens e chuva, tudo o que ganhaste foi uma língua escorregadia — estás cada vez mais distante do caminho. É o que se chama prostituir-se por aparências.

Ch’eng-ku

Cessar e Desistir

É essencial que cesses e desistas do conhecimento, opiniões, interpretações e entendimentos que tinhas antes. Não se consegue parando a mente; abandono temporário não é o caminho — engana-te a desperdiçar corpo e mente, sem realizar nada no fim.
Sugiro-te que nada se compara a cessar e desistir. Não há lugar onde possas aplicar a mente. Sê apenas como um idiota vinte e quatro horas por dia.

Tens de ser espontâneo e leve, a tua mente como o espaço, mas sem qualquer medição do espaço. Tens de estar além da luz e da escuridão, sem budismo, corpo ou mente, ano após ano. Se algo não for esquecido, desperdiçaste a vida. É por isso que se diz: “Mesmo que aprendas coisas relativas à budidade, isso também é mau uso da mente.

Tens de estar livre de preocupações; tens de ser normal.”
Mesmo assim, ainda assim, é inegavelmente difícil encontrar pessoas. Não apenas agora — sempre foi difícil encontrar pessoas. Era difícil até na antiguidade; quanto mais agora, quando aqueles que estudam as coisas são todos puxados para as ervas daninhas por velhos carecas ignorantes! É por isso que se diz: “Os nossos olhos eram originalmente corretos, mas ficaram errados por causa dos mestres.”

Ch’eng-ku

Enfrentando a Talidade

O nevoeiro prende o céu infinito, o vento ergue-se sobre as vastas planícies; todas as plantas e árvores rugem o rugido do grande leão, expondo a sabedoria universal; os budas do passado, presente e futuro estão a teus pés, girando a roda do grande ensinamento.
Se conseguires compreender, não desperdiçarás esforço ao acaso. Se não compreenderes, não digas que esta montanha é íngreme — o pico mais alto ainda está à frente.

Yang-ch'u (992-1049)

O Primordial

Há algo antes do céu e da terra, sem forma e basicamente silencioso; o mestre de todas as formas, não desaparece com as estações. Diz-me, o que é isto? Sabes? Se sabes, todo o universo e tudo nele é luminosamente claro. Se não sabes, quando confrontado com as coisas não consegues dar a volta.

Tao-wu Wu-chen (fl. c. 1025-1060)

Onde Irás Procurar?

O que há no budismo? Velhos mestres disseram: "Não há matéria, portanto não te preocupes", e "O corpo da verdade é incriado e não está contido em quaisquer categorias." Um antigo digno disse: "Quando não acreditas no Buda ou na bodhi, a compreensão do vazio é suprema." É por isso que se diz: "Falar de budas e mestres Zen, falar de mistérios e maravilhas, é sempre dizer demais ou de menos." Sendo assim, onde irás procurar? Tens de ter o olho para a jornada antes de começares.

Fa-hua (fl. c. 1000-1056)

Reto e Verdadeiro

Senta-te direito, e antes de comprares sapatos mede os pés. Olhar para todos os lados não vale um cêntimo.

Ta-yü Shou-chih (m. c. 1060)

Despertar

Quando reconheces a ilusão, desapegas-te, sem usar qualquer técnica. Quando te desapegas da ilusão, despertas, sem passar por qualquer processo. O Buda Shakyamuni abriu mil portões e dez mil portas de uma só vez; alguém espiritualmente perspicaz agirá imediatamente. Quanto aos que hesitam, tu e eu vamos em direções diferentes.

Tsu-hsin (século XI)

Coração dos Corações

Esta própria mente, coração dos corações, é o Buda, o ser mais espiritual do universo. As funções maravilhosas, livres em todos os sentidos, podem ser encantadoras, mas todo esse conjunto não é tão bom como a verdade autêntica da mente.

Não tenhas a arrogância de fingir que procuras a iluminação; a iluminação não pode ser vista. Não tenhas a arrogância de fingir que te estás a livrar das aflições; as aflições não têm frente nem verso. Antes do surgimento de sinais, não há mudança fundamental. Se falares de compreensão ou de não compreensão, é tudo três pescoços e duas cabeças. Se continuares a perguntar "Como?" e "Hã?" — que aborrecimento, este Buda!

Tsu-hsin

Olhos e Pés

Se só compreendes o teu eu e não o ambiente, tens olhos mas não tens pés. Se compreendes o ambiente mas não o teu eu, tens pés mas não tens olhos. Em qualquer dos casos, há sempre algo no teu peito. Como há algo no teu peito, a inquietação está sempre presente e ficas preso pelo caminho. Como podes alcançar a paz? Um antepassado espiritual disse: "Se te agarrares, perdes a medida e inevitavelmente cais num falso caminho. Solta e sê natural — a essência nem vai nem fica."

Tsu-hsin

Testando Buscadores

Testei todos os buscadores de Zen no mundo com quatro ditos fundamentais:

"Há vida dentro da morte."
"Há morte dentro da vida."
"Há morte permanente na morte."

"Há vida permanente na vida."
Agora diz-me, com o que é que todos os buscadores de Zen no mundo me testam a mim?

Ssu-hsin (século XI)

Sentimento Humano

O budismo não obedece aos sentimentos humanos. Os anciãos por todo o lado abrem bem a boca, dizendo "Eu entendo Zen, eu entendo Tao!" Mas diz-me, compreendem ou não?
Quanto àqueles que se sentam em fossas sem razão, enganando espíritos e ludibriando fantasmas, mesmo que matasses mil ou dez mil deles e os desses aos cães, que mal haveria nisso?
Há também um tipo de seguidores Zen que se deixam enfeitiçar por essas raposas de olhos bem abertos, sem se aperceberem. Mergulhando em urina a jorrar, nem sequer sentem nojo.
Ei! São todos adultos! Como podem aceitar isto? O que devem fazer por si próprios?

Chen-ching (exilado em 1080)

Realização Individual

Isto não pode ser aprendido, não pode ser ensinado, não pode ser transmitido: só pode ser alcançado por realização individual. Uma vez que tenhas atingido a realização, estás contente, despreocupado, plenamente lúcido, claro e à vontade. Todas as capacidades espirituais e poderes miraculosos são dotes inerentes e não precisam de ser procurados noutro lugar.

Chen-ching

Preparação

É difícil encontrar pessoas preparadas para o budismo. Alguns não acreditam no facto de o Buda estar dentro deles, confiando apenas um pouco na influência dos antigos, numa sabedoria de imitação. O domínio do seu conhecimento são doutrinas sobre características da meditação; na ação, afastam-se da iluminação e envolvem-se no pó, presos e incapazes de se libertar. Se os estudantes se lhes dirigem, é

como um carimbo a marcar barro; transmitem o carimbo sucessivamente, não enganando apenas a si próprios mas também aos outros.

Não tenho budismo para dar a ninguém. Apenas tenho uma espada — quem quer que venha, corto, para que as suas vidas não possam continuar e a sua visão e audição desapareçam: então encontro-os antes de os seus pais lhes darem nascimento. Se os vir avançar, corto-os.
No entanto, embora a espada seja afiada, não corta o inocente. Haverá alguém inocente?

Chen-ching

O Corpo Puro e Luminoso

O Buda Shakyamuni disse que o contínuo nascimento e morte de todos os seres é porque não conhecem o corpo puro e luminoso da eterna verdadeira essência da mente, e empregam todos os tipos de falsos pensamentos; como esses pensamentos não são reais, há repetição habitual. Queres que o nascimento e a morte não continuem, que a mente que pensa falsamente morra?

Conhece diretamente o corpo puro e luminoso da eterna verdadeira essência da mente em ti mesmo. Então, o nascimento e a morte naturalmente não continuarão, e todos se alegrarão juntos. Isto é o que se chama realização de uma vez por todas.
Se não consegues acreditar e não queres ouvir, então permaneces afundado na consciência carregada de hábitos, num oceano de ignorância.

Chen-ching

Removendo Amarras

Não entendo Zen, não entendo Tao: apenas sei dissolver cola e remover amarras, dar remédios de acordo com as doenças.
Não há Zen para estudar, não há Tao para aprender. Abandonar o fundamental para perseguir trivialidades, trabalhando afincadamente em externos, não é tão bom como voltar para conhecer a tua própria cidadela.

Na cidadela está o teu próprio monarca espiritual a honrar, que responde cem vezes quando chamado uma, que quer que todos despertem por si mesmos.

Vem, vem! O que deves fazer é largar de uma vez todo o conhecimento e visões anteriores sobre o budismo; então o selo mental do teu próprio Buda cósmico será claro de ponta a ponta.

Chen-ching

Apenas Mente

Antes de perceberes que os objetos são apenas mente, produzes todo o tipo de discriminações; depois de perceberes que os objetos são apenas mente, a discriminação não surge. Quando sabes que todas as coisas são apenas mente, então largas as formas dos objetos externos. Mas e quanto à terra, às montanhas e rios, à luz e escuridão, à matéria e ao espaço: com todas as coisas bem diante de ti, que princípio de largar podes falar?
Mesmo que compreendas isto, ainda estás a meio caminho. Tens de perceber que há ainda outra abertura que vai além.

Yun-feng Wen-yueh (m. c. 1060)

A Verdade e o Caminho

O caminho é o Caminho perene, a verdade é a Verdade perene: não apliques mal corpo e mente a correr atrás de ditos. É por isso que se diz que "mesmo o mais pequeno objeto é pó; assim que despertas intenção, és confundido pela ilusão."

Yun-feng

Pára

Se podes parar agora, então pára; se procuras um momento de conclusão, não há momento de conclusão. Se constróis uma compreensão intelectual desta questão com base em palavras, ou tentas compreendê-la conceptualmente, estás tão longe dela quanto o céu está da terra.
Para pessoas de grande poder, cortar em dois com um único golpe

ainda não é realização; quanto menos ser chamado por outra pessoa para dar explicações confusas na sala do abade, citando escrituras e tratados, evocando sentidos e objetos, fenómenos materiais, transcendência e imanência, ser e não-ser, ganho e perda! Um dia morrerás sem ter encontrado o teu lugar.

Yun-feng

Compreensão Deturpada

Nos tempos recentes, há outro tipo de mestre Zen que goza de fama durante vinte ou trinta anos apenas dizendo às pessoas para não prestarem atenção aos ditos de outros, chamando a isso "passar através do som e da forma." Quando lhes perguntam sobre o leste, respondem sobre o oeste, considerando isso "expressão além da convenção." Transmitindo esta compreensão deturpada, confundiram e danificaram o ensino Zen, enganando e iludindo as gerações mais novas.

Yun-feng

Absoluto e Relativo

Quando o absoluto é absoluto, é incompleto; dentro da completude há também o relativo. Quando o relativo é relativo, não é material; mesmo dentro da matéria, a completude permanece. No fundo da noite, há a energia que traz a madrugada; quando o sol está no auge, ilumina os céus.

I-ch'ing (1032-1083)

Conceitos e Emoções

O Zen não está na compreensão conceptual; como pode o caminho ser procurado pelas emoções?

I-ch'ing

Zen Original

Na escola original do Zen, um encontro autêntico não era uma

questão de subir a um púlpito elevado e expor pontos verbais. Porquê? É por isso que se diz que, se os pontos verbais falharem, a casa está a dez mil milhas de distância.

Tens simplesmente de te largar de um penhasco, aceitar de boa vontade a experiência e reviver após a aniquilação. Será impossível enganar-te.

É por isso que os sábios do passado empregaram habilmente técnicas expedientes, acabando por estabelecer muitos métodos, erguendo-os sobre uma base não fixa. Como a base é não fixa, pode responder a uma infinidade de condições, como um enorme sino que ressoa quando é percutido, como a luz da lua refletida em mil rios. Esta é compaixão incondicional a responder sensivelmente de acordo com o potencial, uma mensagem não dual dividida segundo as faculdades e naturezas. Embora os ensinamentos sigam muitas vias, o objetivo ideal é um só.

Hui-lin (1020-1099)

O Caminho

A verdade não tem isto ou aquilo, o caminho não tem comum nem sagrado: ao longo das eras tem sido suave, para além de toda a prática e realização. Aqueles que o alcançam produzem lótus em chamas escarlates, aqueles que o perdem agarram-se a reflexos em poços azul-turquesa.

A razão pela qual ainda não o atingiste é geralmente devido ao momento presente. Vou varrer de uma vez por todas os pensamentos de bem e mal para ti, e até impedir-te de fazer da extinção a tua casa, do vazio o teu assento e das miríades de práticas a tua roupa, para que, em ação, sejas como o voo de um pássaro, e em quietude sejas como o espaço aberto.

Fu-jung (1042-1118)

Um Atalho

Um atalho para o caminho é estar interiormente vazio e exteriormente quieto, como água límpida e parada, miríades de

imagens a refletirem-se nela, nem a afundar nem a flutuar, todas as coisas a serem espontaneamente assim.

Fu-jung

Evitando Problemas Residuais

"Todas as realidades são incriadas, todas as realidades são imperecíveis" — se conseguires compreender assim, os budas estão sempre presentes. Deves pegar na mente que procura freneticamente todos os dias e usá-la para investigar esta questão. Após muito, muito tempo, tornar-se-á naturalmente clara. Se não fizeres isto, estás a viver e a morrer em vão. Um antigo disse: "Esforça-te; deves compreender nesta vida. Não te submetas a problemas residuais ao longo das eras."

Huai-shan (fl. c. 1115)

Seis Caminhos

Tens seis caminhos diante de ti: um é adequado para viajar, cinco não são.

Primeiro, não esfregues os olhos e cries ilusões óticas no terreno subtil dos sábios.

Segundo, não tomes o servo por mestre no terreno da realidade comum.

Terceiro, não brinques com energia física num estado de luz.

Quarto, não sejas um evasivo na sala do nada.

Quinto, não fales de amarelo e vermelho num ninho de complicações.

O sexto caminho é o único no qual te deixaria ir. Mas diz-me, como percorres este caminho?

Entendes?

Se não fosse o desgaste do teu calçado, como repararias que o caminho bifurcado é longo?

Huai-shan

Auto-derrota

O caminho supremo não tem dificuldade; aqueles que o procuram criam as suas próprias dificuldades. A mente verdadeira é originalmente pura; aqueles que a exercem criam a sua própria impureza.

Hu-k'ung (1096-1158)

O Olho Vivo

O olho vivo do Zen vê claramente através dos céus: a atividade dos seis sentidos ocorre em todo o lado, sem tomar emprestada a forma ou aparência de outro.

Tzu-te (1090-1159)

Procurar e Olhar

Tenho aqui algo: quando olhas para isso, está lá, mas quando procuras por isso, não está. O que é?

Tzu-te

A Pérola Negra

Quando estás completamente claro, não há distorção subjetiva; quando estás completamente puro, há perceção verdadeira. Mas mesmo que sejas assim de ponta a ponta, isto ainda não é a chave transcendental. Quando o vento e as ondas se acalmam, o oceano da mente é tal como é; quando chegas ao fundo do oceano da mente, pela primeira vez vês a pérola negra.

Tzu-te

Fabricações

Vejo pessoas a seguir o caminho hoje, nenhuma parece estar em conformidade com ele. Porquê? Algumas controlam a mente para a manter fixa por dentro, outras recolhem os pensamentos para induzir estabilização. Tudo isto são fabricações. Na realidade, isto não é mestria interior.

Se querem ver, estas pessoas têm de inverter este estado sem mente; não teriam compreensão? É por isso que a escritura diz: "Os bodhisattvas que entram em concentração ainda não estão livres do fenómeno dessa concentração."

A escritura também diz: "Tendo realizado a pureza do domínio da realidade por desapego permanente através de meditação laboriosa, essa compreensão de pureza torna-se então auto-obstrução. Deves saber que há ainda uma mente mais profunda."

Tzu-te

O Cego a Guiar o Cego

Há alguns devotos leigos de túnica branca que mantêm a disciplina de não comer depois do meio-dia como se fossem santos, mas estão completamente mergulhados no lucro ilícito, arruinando plebeus e familiares. Quando morrem, cada um deles será como tartarugas com as carapaças arrancadas vivas, acabando como raposas e texugos esfolados vivos, indo diretamente para o inferno ininterrupto, para afundar para sempre sem pausa. Um antigo disse: "Quando um cego guia muitos cegos, conduzem-se uns aos outros para um poço de fogo." A Escritura da Iluminação Completa diz: "Não é culpa das pessoas, mas erro de falsos mestres."

Pu-an (m. 1169)

Esta Mente

Bodhidharma veio do Ocidente e apenas apontou para a mente humana, para mostrar a sua natureza e iluminá-la. Isso foi inegavelmente direto e económico, mas, visto com o olho absoluto, já está tudo misturado. Por agora, não há escolha senão fazer algum remédio para um cavalo morto.

Esta mente simplesmente apontada é precisamente o que o Buda não conseguiu expressar em quarenta e nove anos de palestras e discursos. É extremamente rarefeita, extremamente subtil; poucos conseguem encontrar o pulso verdadeiro.

Esta mente não pode ser transmitida, mas só pode ser experienciada em si e compreendida em si. Quando chegas ao ponto em que não há nem ilusão nem iluminação, limitas-te a vestir e comer normalmente, sem um monte de interpretações arcanas e linhas doutrinais a entupirem-te o peito, ficando claro e desimpedido.

Ying-an (m. 1163)

Um Tesouro Inesgotável

A correção na gestão de si está em si; o passo mais importante de uma jornada de mil milhas é o primeiro. Se gerires bem ambos, então terás completado as infinitas doutrinas subtis das cem mil portas do ensinamento. Por isso se chama concentração de um tesouro inesgotável.

Ying-an

A Experiência do Verdadeiro Ser Humano

O mestre fundador veio do Ocidente e apontou diretamente para a mente humana para mostrar a sua natureza e fomentar a iluminação, mas no Zen isto é como cavar um buraco no chão e enterrar pessoas vivas. Foi por necessidade temporal que se fez o remédio para um

cavalo morto, com conversas sobre Buda, mestres Zen, mente e natureza, como trocar fruta doce por cabaça amarga.

Quanto a pessoas poderosas, cortam em dois com um único golpe de espada, recuando para si mesmas, vendo através do rosto original antes de um único pensamento ser concebido, iluminando o universo, penetrando por todo o lado. Então não são diferentes do Buda Shakyamuni. Isto chama-se a concentração régia suprema, chama-se a fogueira, chama-se a espada de diamante, chama-se o leão agachado, chama-se o tambor venenoso; é referido por vários nomes.

Nesse momento, quem faz nascimento e morte? Quem faz vir e ir? Quem faz bem e mal? Quem faz oposição e harmonia? Quem faz certo e errado? Quem faz céu e inferno? Quem faz os vários estados de ser? Todo o mundo é uma porta de libertação; tudo é a experiência do verdadeiro ser humano sem posição.

Ying-an

Lua e Nuvens

Compreender a ilusão a partir da iluminação é como a lua a carimbar mil picos; desejar a iluminação a partir da ilusão é como nuvens a salpicar o céu infinito.

P'u-an

Uma Única Fonte Verdadeira

As pessoas que ainda não compreenderam usam a mente para procurar a mente e fazem o Buda procurar o Buda. Não têm perspetiva de realização. O que não percebem é que todos os seres conscientes provêm da mesma única fonte verdadeira.

P'u-an

Experiência Direta

Tens de te desapegar das formas e dos rótulos antes de poderes aprender o caminho. Quando o teu aprender chega ao conhecimento

sem esforço, que não é aprendido, o caminho deixa de ser um caminho fixo — a mente é ela própria a mente de Buda. A capacidade máxima torna-se acessível; não a partir de formalismos externos, mas experimentada diretamente.

P'u-an

Praticantes e Exibicionistas

Os veneráveis adeptos, desde os tempos antigos, trabalharam nesta questão até terem passado para onde não há qualquer problema; só então ousavam assumir posições como guias para os outros. Como poderiam ser comparados com aqueles de hoje que se exibem por fama e lucro, cegando as pessoas com confusão?

Ying-an

Não Competir

O modo como os antigos adeptos, nos tempos antigos, perguntavam sobre o caminho não era competitivo nem conflituoso; perguntavam a qualquer um com alguma força, até a uma criança. Só assim se pode chamar alguém de estudante do caminho.

Os seguidores do Zen, nos tempos recentes, podem dizer que viajam apenas para investigar as grandes questões da vida e da morte, mas, embora imitem as aparências dos antigos, continuam muito competitivos e conflituosos. Uma vez que tenhas este problema, a fonte do apontar direto não pode ser compreendida.

É como o caso dos arqueiros: se começam a competir, nunca atingirão boa pontaria. É depois de muita prática, sem pensar em ganhar ou perder, que conseguem acertar no alvo. Assim é com o estudo do caminho: se até um único pensamento de ganhar e perder permanecer no coração, ficarás acorrentado por ganhar e perder.

Ying-an

Compreensão

Em primeiro lugar, não definas previamente a compreensão, e não faças do não compreender um princípio.

Ying-an

Ir Além

Quando chegas ao ponto em que nem mil, nem dez mil pessoas conseguem prender-te ou enjaular-te, isso ainda não é mestria. Tens de ir mais além e ativar a chave transcendental, sem nunca magoar a mão contra a lâmina afiada, trazendo toda a gente no mundo à vida.

Ying-an

Zen e Género

O caminho transcendental não é masculino nem feminino.

Ying-an

Charlatães

Presta muita atenção. Um antigo digno disse: "Um cão de caça veloz não mostra os dentes, mas mal fazes um movimento e já está em cima de ti!" Os estudantes, nos tempos recentes, insistem em pregar o Zen como religião antes de terem compreendido a si próprios. São todos charlatães.

Huai-t'ang (século XII)

Deterioração

Se os peregrinos não têm ossos espirituais, se os seus olhos não reconhecem as pessoas, e não encontram um verdadeiro mestre Zen para abrir as suas mentes, mergulham num saco de curiosidades: reunindo-se em grupos de duzentos ou trezentos, gritam e falam descontroladamente, discursando sobre mente e natureza,

palestrando sobre o Zen e o caminho, criticando e elogiando antigos e modernos. Chamam a isto budismo e consideram-no a essência do ensinamento, mas isto é, na verdade, caluniar o veículo universal, criando sementes de inferno.

Tais pessoas são muito numerosas; são dignas de pena. O nosso caminho deteriorou-se!

Huai-t'ang

A Barreira Intransponível

Mesmo que alcances a realização do vazio das pessoas e das coisas, isso não está à altura do caminho do Zen. Mesmo que incarnes função completa e perceção completa, isso ainda não é a maravilha essencial do Zen. Tens de romper a barreira intransponível e conhecer a abertura além dela.

Fo-hsing T'ai (século XII)

Sem Doutrina Real

Se formos discutir esta questão, o simples facto é que não há absolutamente nada a indicar às pessoas. Se houvesse alguma coisa para indicar, o budismo não teria chegado aos dias de hoje. Por esta razão, as sucessões de budas a estenderem a mão e as sucessões de mestres Zen a transmitirem o ensino fizeram-no por falta de escolha prática; nunca houve uma doutrina real.

Fu-an (século XII)

Discurso Verdadeiro

O sol pode arrefecer e a lua pode aquecer, mas todos os infortúnios que existem não podem destruir o discurso verdadeiro.
O que é discurso verdadeiro? Noventa por cento de exatidão não é tão bom como o silêncio.

Yueh-lin (século XIII)

Presta Atenção

É-te apresentado diretamente na cara, transmitido de todo o coração: se tiveres faculdades aguçadas e sabedoria superior, carregá-lo-ás com todo o teu corpo, com uma exigência inevitável. Assim que te envolveres em pensamento, formalizando-o por escrito e em convenções verbais, perdes o contacto. Por isso se diz: "O caminho está próximo, mas procura-lo ao longe."

Basta que consigas prestar atenção vinte e quatro horas por dia, qualquer que seja a tua ocupação, recuando para ti próprio e trazendo silenciosamente, repetidas vezes, a contemplação "O que é isto?" Mantém a contemplação em todas as idas e vindas, até chegares ao ponto onde não há sabor, nem lugar para agarrar ou apoiar, e o teu corpo e mente sejam como o espaço, mas sem parecerem espaço. De repente, perdes o pé e pisas sobre a paisagem do terreno original, rompendo em suor. Isto torna a tua vida alegre!

Então poderás responder às pessoas de acordo com o potencial, aproveitando o que tens à mão, dizendo o que te vem à mente, usando o que está ali mesmo, tendo saída em cada expressão. O budismo e as coisas do mundo tornam-se um só. Depois vais a outro mestre genuíno para confirmar as profundezas; é como entrar nos oceanos: quanto mais avanças, mais fundo é. No momento em que haja apego, vaidade ou dependência de outros, és igual a um forasteiro.

A razão pela qual os que estudam o caminho hoje não estão tão avançados como os antigos é muitas vezes porque ganham um pouco e já consideram suficiente.

Sung-yuan (1139-1209)

Zen Quintessencial

Desde tempos imemoriais, quando budas ou mestres Zen lidaram com pessoas claras e aguçadas, com as faculdades adequadas ao veículo superior, limitaram-se a exigir transcendência dos

sentimentos, desapego das visões e vivacidade das funções, sabendo algo antes de ser mencionado, compreendendo algo antes de ser dito, cortando através das aparências, nunca seguindo o pensamento na faculdade conceptual, tornando corpo e mente vazios, espiritualmente imateriais, serenamente sublimados, esclarecendo interiormente a perceção independente individual, exteriormente sem apego a nada. Quando o interior e o exterior estão claros, há apenas uma realidade verdadeira: não ser companheiro das miríades de coisas, não se reunir com os mil sábios, sendo independente e livre.

Sung-yuan

Auto-Obstrução

A essência da mensagem especialmente transmitida fora da doutrina está presente em todos os estados, e a mente verdadeira está em todas as consciências; a luz radiante dos seus poderes, liberdades e funcionamento total brilha dia e noite sem interrupção. No entanto, as pessoas não a conhecem conscientemente; criam as suas próprias obstruções, empurrando-a para o fundo da mente. Depois vão a outro lugar perguntar sobre o Buda, sobre a mestria, procurar o Zen, procurar o caminho. Por esta razão são chamadas de dignas de pena.

P'o-an (1136-1211)

Mantém-te por Ti Próprio

Os zenistas são capazes, de forma espontânea, de rugir o rugido do leão ainda no ventre das mães. Só assim podes sustentar esta escola. Quanto àqueles que são vaidosos e dependem de outros, confiando nas instruções de outrem, memorizando os ditos de outros como se isso fosse o caminho para a fonte, todos eles são destruidores do budismo.

O facto de este caminho não prosperar nos tempos recentes deve-se a mestres e discípulos que se aprovam mutuamente, ignorando a causa e o efeito e enganando o povo, afirmando-se capazes de sustentar esta escola. É como esculpir um ícone de "sândalo" em estrume — por muito tempo que passe, simplesmente cheira mal. Deves afastar-te dessas pessoas o mais depressa possível. Aplica a tua própria atenção concentrada, usa os teus próprios olhos e

cérebro; desenvolve-te, mantém-te por ti próprio. Um dia os teus próprios olhos clarearão e irradiarão luz por todo o mundo. Só então corresponderás ao objetivo da tua jornada.

Quando um mestre artesão instrui as pessoas, pode dar-lhes compasso e régua, mas não pode dar-lhes habilidade. A função dos mestres Zen é diferente: primeiro tiram-te o compasso e a régua, depois esperam até que possas cortar quadrados e círculos à mão livre, conformando-te espontaneamente com o compasso e a régua; assim, a habilidade está aí.

Mesmo assim, isto também é um desvio temporário, um pequeno local de descanso. Ao passar pelo portão do Zen, ainda tens de estudar durante trinta anos.

Ch'ih-chueh (fl. c. 1208-1225)

O Reino da Budeidade

Um antigo disse: "Se as pessoas quiserem conhecer o reino da budeidade, devem tornar as suas mentes claras como o espaço aberto, desapegando-se de todos os falsos pensamentos e de todo o apego, tornando as suas mentes desobstruídas para onde quer que se virem." O que é o reino da budeidade? Basicamente, é o curso normal da própria mente na vida quotidiana; apenas que, diariamente, enterra-se a cabeça em coisas e eventos e é-se arrastado sob a influência dos objetos.

Se queres harmonizar-te com o reino da budeidade, se conseguires manter-te atento vinte e quatro horas por dia, sem desistir em qualquer estado de mente, um dia será como encontrar um velho amigo numa cidade movimentada: "Oh! Então estás aqui!" Quando chegas a este estado, os pensamentos errantes e todo o apego derretem-se de imediato, e tudo se torna a tua própria função subtil.

Ch’ih-chueh

O Fracasso do Zen

O fracasso do caminho Zen vem de mestres sem profunda realização que se limitam a expor ditos e a ostentar conhecimento como ferramenta para atrair alunos, e de estudantes sem grande aspiração que apenas seguem modas populares e costumes correntes, contentando-se em afundar-se no domínio do conhecimento intelectual e da verbosidade, sem saber regressar. “Mestres” e “estudantes” iludem-se mutuamente.

Ch’ih-chueh

O Curso Normal

O curso normal da vida quotidiana não está em eventos e coisas; a fonte não transmitida por mil sábios não está confinada ao reino da maravilha mística. Se não tens os pés assentes no terreno real, com a maravilha no ponto de viragem, como vales a pena para falar disto? Se, no meio dos eventos e coisas, consegues ver até ao fim, então a fonte não transmitida por mil sábios aparece a cada momento; se conseguires libertar-te do reino da maravilha mística, então o curso normal da vida quotidiana encaixará na ranhura.

Ch’ih-chueh

A Mente

Quão grandiosa é a mente! É tão vasta que tudo abarca, tão subtil que tudo penetra. O aumento não cria excesso; a diminuição não cria falta. Opera em silêncio de forma espontânea; responde serenamente com destreza. É rápida sem se apressar; chega sem se deslocar. Localização e massa não a podem conter; medições e números não a podem sondar.

Está claramente presente no meio das atividades quotidianas, mas os estudantes não a conseguem aproveitar porque pensamentos emocionais os entorpecem e o desejo de ganho os embota. De forma subtil, são compelidos pela criação, subsistência, mudança e extinção; de forma grosseira, são compelidos pela terra, água, fogo e

ar. Esquecendo-se de si próprios, perseguem as coisas; abandonando o real, perseguem o artificial. No fim, são irremediavelmente arrastados — todos no mundo são assim.

Se conseguires remover os véus sobre a mente, restaurar a raiz da natureza e ver claramente a mente no meio da vida quotidiana, então emoções, pensamentos e desejos; criação, subsistência, mudança e extinção; terra, água, fogo e ar, serão todas funções subtis tuas.

Ch'ih-chueh

Interior e Exterior

"Não há coisa diante dos olhos" — uma longa espada contra o céu. "A ideia está diante dos olhos" — mil trovões rugem. Quer compreendas ou não, ainda assim não escapas a perder a vida.

Esta questão é tão vasta que contém o universo, tão subtil que penetra as partículas atómicas. Não é compreendida pela perceção e cognição, não é entendida pelo conhecimento mundano e pelo brilho intelectual. Yuan-wu disse: "Não deve ser que exista quando falas dela mas não quando não falas." Miao-hsi disse: "Não pode ser que esteja presente quando estás sentado numa almofada e ausente quando te levantas do assento de meditação."

Aqui, vira a língua destes dois anciãos, e então saberás que há um caminho vivo mesmo diante de ti. Vinte e quatro horas por dia, em todas as tuas atividades, "entras na floresta sem perturbar as ervas, entras na água sem levantar ondas." Mesmo num ambiente urbano, não estás enjaulado ou preso pelo som e pela forma; mesmo próspero e bem-posicionado, não és movido ou alterado pelo esplendor do sucesso. Assim se diz: "Se rompes de dentro, a tua força é grande; se rompes de fora, a tua força é fraca."

Fo-chih (fl. c. 1228)

Ação e Quietude

Que as tuas ações sejam como nuvens a passar; as nuvens que passam não têm mente. Que a tua quietude seja como o espírito do vale; o espírito do vale é imortal. Quando a ação acompanha a

quietude e a quietude se combina com a ação, a dualidade de ação e quietude já não surge.

Pri-chien (1185-1246)

Descoberta da Mente

Mestres apareceram no mundo para sustentar esta questão, lançando uma rede para trazer aqueles de capacidade mais elevada. Quando descobres a subtilidade essencial deles, não está além da descoberta da mente de cada indivíduo.

Quando a mente está clara, a própria palavra "clareza" já não se fixa em lado nenhum; é como um floco de neve numa lareira em brasa. Quando chegas a tal estado, ainda precisas de um longo refinamento e polimento para atingir a maturidade completa. Uma vez que as raízes estão firmes, não há necessidade de temer que os ramos não floresçam. Só então podes lidar com questões importantes e assumir grandes responsabilidades. Vida e morte, calamidade e fortuna, não te podem mover; quer estejas na adversidade ou na prosperidade, recolhido ou expansivo, em atividade ou em quietude, acertas no alvo em todos os casos.

Na ação, adaptas-te às mudanças com penetração intuitiva e fluidez completa sem limites. Na quietude, és aberto e claro, iluminado de forma independente, não aprisionado por estados especiais e maravilhosos. É isto que significa o ditado: "Todos os tempos e todos os lugares são o meu sustento."

Wu-chun (m. 1249)

Atividades Diárias

O caminho está nas atividades diárias, mas se te demorares nas atividades diárias, então estás a tomar um ladrão por teu filho. Se procuras uma vida especial fora das atividades diárias, isso é como afastar as ondas para procurar a água.

Wu-chun

O Caminho e o Fim

O caminho não pode ser procurado — o importante é simplesmente parar a mente. No entanto, esta paragem não deve ser forçada. É preciso procurar de manhã e à noite até chegares ao ponto onde a estrada da conceção chega ao fim, e então pararás de forma súbita e espontânea. Após esta paragem, a mente que corre e procura pára. É como um viajante que pára numa estalagem. No seu desejo de chegar onde vai, põe o esforço em viajar, pois se não viajar não chegará lá. Uma vez chegado, todos os trabalhos e dores da estrada acabam e ele já não corre mais.

Wu-chun

O Pivô do Portão do Zen

O pivô do portão do Zen não é uma questão de andar de grupo em grupo; de que forma o princípio orientador dos buscadores do Zen precisa de ser tomado de mestre em mestre?

Se vês chifres do outro lado de uma cerca, é claro que há uma inferência a fazer. Se ainda queres descrevê-lo em palavras, é como o caso de um mestre pintor a fazer um retrato realista de um boi — afinal, não é um boi vivo.

Ouvi dizer que os ensinamentos verbais dos mestres Zen servem para orientar os esforços das pessoas do momento: se os esforços não estão desorientados, não vale a pena orientá-los. Os ensinamentos verbais dos mestres Zen e dos budas são receitas para curar os insanos; se a mente e o espírito não estão perturbados, não vale a pena curá-los.

As únicas palavras a dizer àqueles que sabem são urgência e intensidade. Se não compreenderes claramente o teu próprio eu, não tens forma de afastar o nascimento e a morte; se não compreenderes o ambiente, como podes distinguir o certo do errado?

Chueh-an (1250s)

Assuntos Mundanos

Os homens de assuntos que estão em posições de riqueza e de estatuto e que, no entanto, não estão presos à riqueza e ao estatuto, e também conseguem romper a face de ferro do ser mortal e focar as suas mentes neste caminho, já devem ter a semente da sabedoria; caso contrário, como poderiam chegar a isto?

O problema é não conseguirem trabalhar de forma verdadeira e séria. Vemos muitos que pensam e comparam, antecipando conscientemente a iluminação, tentando deliberadamente alcançar a cessação, alegrando-se quando outros os reconhecem em privado, querendo que as pessoas os elogiem. Assim que dás origem a estes pensamentos, aí está a raiz do nascimento e da morte.

Hsi-sou (fl. c. 1149)

Despertar por Si Mesmo

Aprender o caminho do estudo Zen não tem um portão misterioso especial nem uma estrada essencial: requer que os indivíduos despertem por si mesmos. Se despertaste corretamente uma vez, vês que as montanhas não são montanhas e os rios não são rios; depois, vês que as montanhas são montanhas e os rios são rios. Se não estás desperto, quando vês as coisas és obstruído pela visão, influenciado pelas coisas, confundido pelos objetos. Isto é o que se chama inquietação da consciência carregada de hábitos, na qual não há base fiável.

Yun-ku (fl. c. 1256)

O Grande Caminho

O grande caminho está mesmo diante dos nossos olhos, mas é ainda difícil ver o que está diante dos nossos olhos. Se queres conhecer a substância verdadeira do grande caminho, não está separado do som e da forma, das palavras e do discurso.

Wu-men (1183-1260)

Budismo e Sentimento Humano

Mesmo que o corpo esteja envolto em ferro quente e cobre derretido seja despejado pela garganta, nunca se deve equiparar o budismo ao sentimento humano. Quando os sentimentos humanos são densos, o sentido da verdade é fraco. Que sabe o mundo das verdadeiras capacidades e dos sentimentos humanos? Onde há apenas vãos sentimentos humanos, não há verdadeira capacidade; quanto tempo podem durar os sentimentos humanos?

Wu-men

Cozedura Completa

Certa vez, três estudiosos a caminho do exame para a função pública pararam para comprar refrescos a uma mulher que vendia pastéis à beira da estrada. Um homem estava calmo e silencioso, enquanto os outros dois discutiam sobre literatura. A mulher perguntou para onde iam. Os dois últimos disseram que iam fazer o exame. Ela disse: "Vocês dois não passarão no exame; aquele outro passará." Os dois homens insultaram-na e foram-se embora.

Quando os resultados do exame foram exatamente como a mulher previra, os dois estudiosos que tinham falhado voltaram para saber como ela sabia que eles não passariam e o outro sim. Perguntaram-lhe se conhecia fisionomia. "Não", disse ela, "tudo o que sei é que, quando um pastel está completamente cozido, fica quieto, mas antes de estar pronto continua a fazer barulho."

Wu-men

Estudo Nominal de Zen

O Mestre Shih-t'ou disse: "Mil tipos de ditos e dez mil tipos de explicações destinam-se apenas a ensinar-te a estar sempre sem confusão." O que é popular nos grupos hoje em dia é apenas estudo nominal de Zen; tentar encontrar sequer uma pessoa que esteja sempre sem confusão é como tentar apanhar a lua no céu.

Tuan-ch'iao (c. 1241)

Vida e Morte

A questão da vida e da morte é importante; a impermanência é rápida. Os aspirantes ao Zen compreendem todos o caminho, mas, quando lhes perguntas por que vivemos e por que morremos, dez em cada dez ficam sem palavras. Se continuares assim, mesmo que viajes por todo o mundo, que conseguirás?

Tuan-ch'iao

Atividades Diárias

O caminho está nas atividades diárias; é usado todos os dias, sem se saber. É por isso que se diz: "Saber é consciência falsa, não saber é indiferença." Neste ponto, diz-me, é saber o certo ou é não saber o certo?

Os anciãos desde tempos imemoriais e os peregrinos de todo o mundo remexeram todos o fundo dos seus sacos de arroz e gastaram o calçado, mas nunca vi ninguém que conseguisse passar esta dupla barreira.

Se não consegues passar, é melhor simplesmente andar quando andas, simplesmente sentar quando sentas.

Hsueh-yen (fl. c. 1253)

Esclarecer a Mente

O mais essencial no budismo baseia-se em esclarecer a mente. Se queres que a tua mente esteja clara, é importante pôr de lado as opiniões. Se as opiniões não cessam, certo e errado confundem-se; se a mente não está clara, realidade e ilusão misturam-se. Se cessas as opiniões e esclareces a mente, então realidade e ilusão são ambas vazias, certo e errado não se mantêm.

Hsueh-yen

Três Tipos de Aprendizagem

O caminho budista tem a sua origem nos três tipos de aprendizagem — disciplina, concentração e discernimento. A disciplina segura a mente com regras, a concentração ilumina a mente com quietude, o discernimento esclarece a mente com sabedoria.

Hsueh-yen

Se alguém tem discernimento sem concentração ou disciplina, então permanece sem restrições, envolvendo-se inutilmente em verbalizações, sem conseguir parar as rotinas repetitivas e libertar-se de nascimento e morte.

Se alguém tem concentração sem disciplina ou discernimento, então permanece em quietude vazia e inutilmente se detém no vazio inerte, sem conseguir elucidar o grande ensinamento para guiar as pessoas. Se alguém tem disciplina mas não tem concentração ou sabedoria, então continua a apegar-se, afundando-se inutilmente nas regras, incapaz de unificar o certo e o errado e de igualar os outros e o próprio.

No entanto, discernimento é concentração, e concentração é disciplina: a disciplina pode gerar concentração, a concentração pode gerar discernimento.

Discernimento, concentração e disciplina têm origem numa única mente. Se a mente, no fundo, não existe, de onde vêm a disciplina, a concentração e o discernimento?

Assim, existe sem existir, vasta como o espaço cósmico: todos os mundos de todo o universo, todas as plantas, árvores e florestas, as aves, feras e pessoas, bem como as oitenta e quatro mil aflições do mundo, não são senão esta mente.

Quando a mente não é agitada, isto é disciplina; quando a mente não é movida, isto é concentração; quando a mente não é obscurecida, isto é discernimento.

Hsi-yen (1198-1262)

Os Olhos para a Jornada

Para viajar, deves ter olhos para a jornada; se não tens olhos, os velhos carecas sentados em cadeiras talhadas em madeira por todo o lado irão colocar à tua frente mobília usada do passado, atribuindo-lhe grandes preços, vangloriando-se de cem maneiras de que são raros e maravilhosos tesouros. Podes perder os olhos e o cérebro de uma vez; incapaz de chegar a lado nenhum, poderás não evitar ser confundido por eles e acabar num monte de antiguidades e curiosidades, de onde nunca sairás.

Kao-feng (1260s)

Onde Está o Problema?

Quando as pessoas passam dez ou vinte anos, ou mesmo uma vida inteira, apenas a esclarecer esta questão, desapegadas do mundo e esquecidas dos objetos, e ainda assim não penetram até à liberdade, onde está o problema? Os verdadeiros buscadores devem tentar trazê-lo à luz.

Será falta de potencial espiritual? Será não ter encontrado um mestre iluminado? Será inconsistência? Será inferioridade de faculdades e fraqueza de vontade? Será flutuar e afundar nas tarefas mundanas? Será instalar-se no vazio e estagnar na quietude? Será que venenos variados entraram na mente? Será que o tempo ainda não chegou? Será falha em interrogar-se sobre os ditos? Será que pensam ter alcançado o que não alcançaram, ou pensam ter realizado o que não realizaram?

Kao-feng

O Fogo do Zen

Esta questão é como um fogo imenso, chamas ferozes a preencher o céu, sem a mínima interrupção. Tudo no mundo é lançado nele, evaporando de imediato como um floco de neve.

Kao-feng

Transformar Doutrina em Doença

Aqueles que passaram dez ou vinte anos a afastar as ervas daninhas à procura do caminho e ainda não viram a natureza búdica dizem muitas vezes que estão presos pelo esquecimento e pela excitação. O que não percebem é que a substância desse próprio esquecimento e dessa excitação é a própria natureza búdica.

É pena que as pessoas iludidas não compreendam; agarram-se arbitrariamente a doutrinas e transformam-nas em doenças, usando doença para atacar doença. Fazem com que, quanto mais procuram a natureza búdica, mais dela se afastam. Quanto mais se apressam, mais se atrasam.

Mesmo que um ou dois voltem a atenção para dentro, olhem para si mesmos e reconheçam o erro, esvaziando-se e esquecendo tanto o remédio como a doença, de modo que os seus olhos se abram e compreendam claramente a simples mensagem do Zen, vendo a sua natureza búdica original, na minha avaliação isto ainda está à beira do nascimento e da morte. Se queres falar da estrada da transcendência, deves saber que ela está ainda para além das montanhas verdes.

Kao-feng

Não Te Agarres à Almofada

É essencial, no estudo do Zen, que não te agarres a uma almofada de meditação para a prática. Se afundas no esquecimento ou na distração, ou te deixas cair em conforto e tranquilidade, totalmente sem consciência, não só desperdiçarás tempo, como não conseguirás digerir as ofertas dos doadores. Quando a luz dos teus olhos cair no chão um dia, no fim, em que te apoiarás?

Kao-feng

O Tesouro Inesgotável

Esta questão é como um monte de lixo debaixo dos beirais de uma casa; da manhã à noite, a chuva bate-lhe, o vento sopra-lhe, mas ninguém lhe presta atenção. Não percebem que há dentro dele um tesouro inesgotável; se pudessem aproveitá-lo, poderiam tirar dele e usá-lo durante cem éones e mil vidas sem o esgotar.

Deves saber que este tesouro não vem de fora; tudo emerge da tua fé. Se conseguires ter fé completa nele, certamente não serás enganado. Se não tiveres fé completa, nunca o realizarás, mesmo em incontáveis éones. Por isso peço-te que tenhas fé desta forma, para evitares ser um mendigo destituído.

Mas diz-me, onde está este tesouro agora?
Se não entrares na toca do tigre, como poderás apanhar um filhote de tigre?

Kao-feng

O Limite do Esforço

Quando investigas esta questão, o limite extremo do esforço é como plantar flores no céu ou pescar a lua na água: simplesmente não há lugar onde possas agir, não há lugar onde possas aplicar a mente. Vez após vez, as pessoas tocam o tambor da retirada assim que chegam a este estado; não percebem que isto é, na verdade, notícia de estar a chegar a casa.

Se tiverem coragem, as pessoas enfrentam o estado onde não há lugar para agir, quando a mente não pode ser aplicada, como grandes generais no meio de enormes exércitos, capturando diretamente os adversários, sem pensar em ganho ou perda. Se realmente tiveres tal domínio do essencial e tal acuidade, podes alcançar sucesso num estalar de dedos, atingindo a sabedoria instantaneamente.

Kao-feng

Três Barreiras

O sol brilhante está no céu, iluminando tudo; porque é bloqueado por uma nuvem?

Todos têm uma sombra, que nunca os deixa; porque não a consegues pisar?

O mundo inteiro é um fosso de fogo; atingindo que estado de mente podes evitar ser queimado?

Hsu-t'ang (1185-1269)

Estuda a Palavra Viva

Se queres chegar a este estado, deves imediatamente livrar-te da tua compreensão aprendida anterior, tanto da clara como da obscura, tornando gradualmente todo o teu corpo como uma bola de ferro em brasa, vizinha da morte: pega num dito de um antigo e coloca-o diante de ti, olhando-o como a um inimigo de nascença. Dia e noite sê como se estivesses sentado em espinhos, e um dia terás naturalmente uma abertura.

Não te prendas de forma alguma à forma de sentar. Quando te sentas, deves usar meios expedientes; se o fizeres sem mestria interior, estarás a afligir inutilmente o espírito. Um antigo disse: "Quando a mente está vazia e o ambiente está quieto, é precisamente por causa da estagnação. Quando estudas Zen, deves estudar a palavra viva, não a palavra morta. Se compreenderes através da palavra morta, nem a ti próprio poderás salvar."

Hai-yin (c. 1282)

A Paisagem do Terreno Original

A paisagem do terreno original é completamente fluida e sem limites antes de mortais e budas estarem lá; de repente, é obscurecida por falsas perceções, onde estagnamos e afundamos em tarefas

mundanas, agarrando todos os objetos, até sermos infectados por aflições psicológicas. Se não conseguires voltar a atenção para iluminar o eu imediatamente, como poderás atravessar tantas miríades de enredos?

Quer em situações adversas quer favoráveis, não agarres nem te prendas; corta diretamente através do discurso e do silêncio, do ser e do nada, da ação e da quietude. Ao lidar com as coisas, respondendo aos potenciais, como um disco de espada voadora, como um fogo ardente, não deixas sombra nem rasto. Assim és vazio e espiritual, tranquilo e sublime; com uma perceção iluminas miríades de distinções, mil diferenciações. Chegando diretamente a um estado de grande paz, descobres que não há estagnação alguma.

Hai-yin

Plenitude

A virtude não tem mestre fixo — o foco no bem é o mestre. Se os mestres são eficazes, então sabes que devem ser considerados mestres.

Descobres a verdade e cumpres a tua natureza para chegar ao teu destino; para transcender de uma vez, sem passar por um processo, precisas de descobrir o supremo.

Um monge perguntou a Chao-chou: "Um cão tem natureza búdica ou não?" Chao-chou disse: "Não." Este "não" não significa inexistência de uma existência, nem significa pura inexistência. É uma navalha mística não racional, um método sublime de transformar as fortunas da vida. Avança e traz isto à tona; de imediato esvaziarás. Como uma montanha de prata, uma muralha de ferro, serás impenetrável a ganho e perda, louvor e censura; nem honra nem desonra, nem dor nem prazer te podem prender.

Não mergulhas nos sentimentos do comum, nem cais na compreensão do sábio. Vazio e espiritual, sereno e sublime, não permaneces em lado nenhum, mas atinges plenitude em todo o lado. Neste momento, deves saber que há uma declaração final; só então és uma pessoa madura. Completar a tarefa da pessoa madura

chama-se transcender o mundo no meio do mundo, o mais elevado de todos.

Hai-yin

Ilusão e Iluminação

Quando iludido, estás iludido sobre o conteúdo da iluminação; quando iluminado, estás iluminado sobre o conteúdo da ilusão. Quando ilusão e iluminação são ambas esquecidas, é como um homem que corta a própria cabeça: se a cabeça é cortada, não há ninguém para fazer o corte.

Se vês isto claramente, de imediato não terás segundo pensamento. Um antigo disse: "Claramente, claramente não há iluminação; se há qualquer dogma, é ilusão."

Quando chegas aqui, não podes tomar posição nem ficar: se tomas posição, estarás em perigo; se ficas, estarás cego.

Basta não reagires automaticamente ao mundo exterior, e não procurares refúgio no vazio interior. Não persigas trivialidades fora, e não permaneças em transe dentro. É imperativo que as ideias não inibam o mistério, que as expressões não inibam as ideias e que as funções não inibam os potenciais. Uma vez que estas três coisas estejam claras, aparecem naturalmente em todo o lado sem necessidade de concentração, naturalmente claras em todo o lado sem necessidade de atenção especial.

Neste estado, encontrar frequentemente não é intimidade, distanciamento transcendente não é afastamento. Ao lidar com as coisas de acordo com isto, não és obstruído pelos acontecimentos; ao sentares-te tranquilamente, não te perdes no noumeno. Sendo mestre em qualquer lugar, encontras a fonte em tudo, aparecendo e desaparecendo, ora recolhido, ora expansivo, tendo alcançado grande liberdade.

E ainda assim é preciso saber que há uma abertura além.

Hai-yin

Meios Expedientes

A fé é a base do caminho, a mãe da virtude; ela nutre todas as raízes do bem.

Wu-chien (fl. ca. 1265-1300)

Cada palavra proferida pelos sábios de outrora como métodos expedientes eram remédios dados de acordo com doenças específicas — quando é que houve alguma vez um dogma real para prender as pessoas?

Se estás confuso, há mil diferenciações, dez mil distinções. Se estás iluminado, tudo é a mesma família.

Wu-chien

Esforço Direcionado

A insuperável e sublime iluminação está originalmente inerente em todos, mas, devido a idades acumuladas de ideias arbitrárias e apegos, as pessoas não conseguem clarificar de uma só vez a paisagem do estado original. Pessoas de grande força devem empregar um verdadeiro e real esforço direcionado, trazendo à tona um dito antigo em todas as situações, evocando-o secretamente sem interrupção através de estados sucessivos da mente. Quando de repente romperes a sensação de dúvida, pela primeira vez terás alguma liberdade.

Ku-lin (fl. ca. 1297-1308)

Libertação e Bloqueio

Os antigos transmitiram ensinamentos verbais de budas e mestres Zen para a edificação dos aprendizes posteriores, com a subtileza de arrancar pregos, remover estacas, dissolver viscosidades e retirar

amarras. Quando se tratava de cuidar dos pormenores repetidas vezes, fazendo mudanças pouco convencionais para eficácia, eram como rolar pedregulhos redondos por montanhas de dez milhas de altura. Perpetuar tais exemplos entre os de épocas posteriores não tinha outra razão senão remover o apego mental, a contenda, a opinião intelectual e a compreensão teórica, para colocar as pessoas no estado vazio e claro, limpo e nu, livre e sem entraves, de grande libertação.

Agora é diferente. Costuma haver quem esteja bloqueado pelo conhecimento mundano e pela agudeza intelectual, divididos entre os que argumentam vigorosamente e os que se superam a si mesmos; e há ascetas que caem no quietismo ou no ativismo ambicioso. Ao observares o seu comportamento, todos afirmam ter as garras e presas de tempos imemoriais, mas, quando se trata de adaptação situacional em contacto com as condições gerais, estão invariavelmente a viver em cavernas de fantasmas em montanhas de escuridão.

Esta questão não deve, certamente, ser apressada. É essencial que o indivíduo esteja claro e preciso ao captar o essencial e, depois disso, que não haja fuga alguma durante as vinte e quatro horas do dia. Só então é adequado recorrer a outro para uma certa confirmação, para não se deixar ainda soprar pelo vento da compreensão intelectual. Se alguém não estiver disposto a abandonar o que tem prezado, isso tornar-se-á um sério problema no futuro.

Ainda mais problemático é quando se quer clarificar esta questão sem uma base genuína e sem as realizações necessárias. Em que difere isso de vermes a dançar na esperança de voar para as nuvens enevoadas e passar por uma transformação milagrosa? Poderão eles fazê-lo?

Ku-lin

Sem Nome e Sem Rasto

Quando a mente não se agarra às coisas e a consciência não habita no mistério, o grande conhecimento não tem nome, o verdadeiro vazio não deixa rasto. Então, onde colocas os pés vinte e quatro horas por dia? Se imediatamente te desinteressares, cais em

perceção e cognição; mas, assim que entras em arranjo deliberado, não escapas à dependência e ao apego.

Ku-lin

Colecionar Conversa

Fen-yang visitou mais de setenta mestres: apenas um ou dois tinham discernimento e visão; o resto não tinha nada de relevante. Recentemente, há pessoas cujo conhecimento não é claro e que não aprenderam a sua tarefa fundamental; incapazes de fazer uma investigação existencial, trabalham a partir de livros, tentando obter um repertório de coisas para conversar. Estão enganadas — deitaram fora ouro verdadeiro para ir atrás de entulho.

Ming-pen (1263-1323)

Zen Total

O Zen é o teu rosto original; não há Zen especial para estudar além disso. E também não há nada para ver ou ouvir — a totalidade deste ver e ouvir é Zen; fora do Zen, não se encontra outro ver ou ouvir.

Ming-pen

Um Método de Parar

O Zen é o ensinamento do verdadeiro terreno da mente. Se tens mesmo a certeza de querer compreender a grande questão da vida e da morte, deves saber que, com um único pensamento de dúvida ou confusão, cais no reino dos demónios.

Quando te estás a concentrar, se os teus pensamentos estão confusos e as ideias aleatórias misturadas, não lhes dês importância, sejam boas ou más, verdadeiras ou falsas. Basta voltar a um dito, até chegares ao ponto em que, assim que recorres a esse dito, ele interrompe a letargia, a distração e os pensamentos diversos que voam em confusão. Depois de muito tempo assim, eles pararão espontaneamente.

Mesmo que não parem, não precisas de os suprimir à força; basta

manter a atenção correta concentrada e contínua, e só isso. Se a atenção correta concentrada for estável e contínua, os pensamentos dissolver-se-ão naturalmente. Quando os pensamentos se dissolvem, então há esperança de realização transcendente de iluminação súbita.

Uma vez alcançada a iluminação, terás naturalmente discernimento: pode dizer-se que, na tua própria mente, compreenderás naturalmente o futuro próximo, o futuro distante, o que é falso e o que não é falso, e se há ou não tantas grandes e pequenas iluminações. Não precisarás de perguntar a mais ninguém.

Se ainda não despertaste, por agora não desperdices tempo a meditar sobre estas minudências — isso só aumentará a letargia e a distração.

Ming-pen

Virar a Atenção para Olhar para Dentro

Virar a atenção para olhar para dentro é o domínio da libertação independente dos sentimentos comuns e do acesso transcendente ao reino da grande iluminação. Se o teu trabalho ainda não chegou a este estado, como é que se vira a atenção? Como é que se olha para dentro?

Se ainda não chegaste à etapa da verdadeira iluminação, qualquer teoria sobre virar-se ou introspeção é autoilusão. Quando estás plenamente iluminado, a luz da mente vira-se sem depender de ser virada, a consciência introspeciona sem depender de ser introvertida. Por não haver dependência, não há luz para virar nem olhar para direcionar para dentro. Isto chama-se absorção numa só prática. Os budas e mestres Zen sempre se firmaram aqui — é totalmente inatingível pela consciência conceptual e pela ilusão emocional.

Hoje em dia, alguns ignorantes vão para locais tranquilos e isolados e recolhem o seu olhar e audição, cortando ver e ouvir, ficando como madeira ou pedra, e chamam a isso virar a atenção para dentro. Podem continuar "a olhar" assim durante trinta anos, desejando a cada momento libertar-se de nascimento e morte, mas não terão sucesso.

Ming-pen

Olhar para um Dito

Basta acreditares em ti próprio e trazeres à tona o dito em que estás a trabalhar. Continua a olhar para ele, por mais tempo que leve, e penetrarás naturalmente um dia. Enquanto o estiveres a olhar, não dês origem a qualquer pensamento de dúvida, nem a qualquer pressa de iluminação.

Quando estiveres a trabalhar num dito, quaisquer maravilhas ou efeitos extraordinários que possas perceber ou experienciar, são todos enredos demoníacos; desde que não deixes a tua mente persegui-los, acabarão por se dissolver por si mesmos. Se de repente conceberes um momento de prazer ou apego, cairás no domínio da demonização. Podes pensar que despertaste, mas na verdade estás perturbado.

A iluminação é como alguém que regressa a casa: tudo é familiar, por isso sente-se naturalmente confortável e claro acerca de tudo, sem mais quaisquer pensamentos de dúvida ou confusão. Se ainda houver meio grão de dúvida ou confusão, certamente não é a tua casa. Então deves deitá-lo fora e procurar noutro lugar; caso contrário, tornar-te-ás vaidoso e desenvolverás opiniões idiossincráticas.

Ming-pen

Sem Arranjo

A mente é originalmente clara e calma, fundamentalmente livre de poluição; e não há diferença entre fazer e não fazer concentração. Em todas as atividades, é apenas essencial compreender claramente a própria mente.

Esta mente não está sujeita a qualquer arranjo; deve ser experienciada por realização. Se não for realizada através de verdadeira iluminação, quaisquer que sejam as miríades de compreensões místicas ou os mil tipos de pensamentos que possas ter, és "como alguém a tentar esfregar o espaço com as mãos". Como poderás apreender o corpo do espaço para o esfregares?

Ming-pen

Realidade e Imitadores

É imperativo falar de acordo com a realidade e agir de acordo com a realidade; só isso constitui harmonização.

Vemos regularmente mestres Zen dos tempos recentes ensinarem as pessoas a trazer à mente um dito: "Miríades de coisas regressam ao um; para onde regressa o um?" Também ensinam as pessoas a contemplar esta história: Um monge perguntou a Chao-chou: "Um cão tem ou não natureza búdica?" Chao-chou disse: "Não." Fazem-nos vir para interrogatório de manhã e à noite, mantendo-os na incerteza, chamando a isso grande dúvida, o que requer grande iluminação. Embora isto seja um expediente engenhoso por um período de tempo, contudo acrescentou ainda mais obstrução.

Por esta razão, completos ignorantes disfarçaram-se de monges Zen: não conhecem os ensinamentos das escrituras, não guardam os preceitos e ficam completamente perdidos quando questionados; limitam-se a dizer que pediram instrução a um mestre. Ao trazerem um dito, recitam-no e pensam nele, como uma escola de aldeia a ensinar crianças a repetir atrás de um adulto. Quando estão acordados lembram-se, depois, ao adormecer, esquecem. Alguns concentram-se demasiado e ficam mais confusos quanto mais duvidam, acabando por chegar ao ponto de perderem a razão e enlouquecerem.

Alguns fabricam prognósticos, dizendo coisas estranhas para enganar e ameaçar os ignorantes. Alguns passam a vida inteira num quietismo ignorante numa caverna fantasmagórica numa montanha de trevas, sem jamais alcançar o mais ínfimo empoderamento. Ainda não percebem que é como um boi a puxar uma carroça; se a carroça não se move, bate-se na carroça ou no boi? Além disso, o Buda disse que, se te agarras a qualquer coisa, isso se chama apego conceptual, pelo qual cais na noção de permanência; mas se estás totalmente sem mente, isso chama-se naturalismo, caído numa visão niilista.

Hsiao-yin (fl. ca. 1330)

Aguçado mas Discreto

Para aprender este caminho é importante ser aguçado mas discreto. Quando és aguçado, não és confundido pelas pessoas; quando és discreto, não contendes com as pessoas. Não sendo confundido pelas pessoas, és vazio e espiritual; não contendendo com as pessoas, és sereno e subtil.

Liao-an (fl. ca. 1330)

Funções do Zen

O Zen é uma navalha para cortar o nascimento e a morte; o Zen é um punção para desfazer nós; o Zen é um espelho para distinguir o belo e o feio; o Zen é uma espada para cortar o erro e a ilusão; o Zen é um machado para cortar uma floresta de silvas; o Zen é uma estratégia para derrotar inimigos; o Zen é uma base para alcançar a iluminação e exercer a mestria.

Liao-an

Sem Dogma

Quando os antigos proferiam uma palavra ou meia frase, era para resolver pontos de fixação, desfazer amarras, arrancar pregos e retirar estacas; como poderiam ter tido qualquer dogma para prender as pessoas? Vemos muitos estudantes que se agarram ao dedo que aponta, tomando-o pela lua; procuram mistério e maravilha, procuram compreensão intelectual, em vez de um caminho para a fonte.

É de ter pena. Por isso, para pessoas de faculdades superiores e perspicácia aguçada, este assunto não é difícil de ver. Quanto aos de menor potencial e capacidade, que também são preguiçosos e perseguem trivialidades negligenciando o fundamental, não têm esperança de realização. Na realidade, excluem-se a si mesmos.

Liao-an

Além de Medida

A essência da mente é impoluta, completa em si mesma. Basta desprender-se de falsos objetos mentais e aí está o Buda do ser tal como é. Quando iludido, afastas-te do real e persegues o falso; quando iluminado, abandonas o falso e regressas ao real. Depois de chegares ao ponto em que realidade e falsidade se derretem e ilusão e iluminação não se fixam em parte alguma, então consomes o teu velho karma segundo as condições, confiando na essência e gozando da realidade natural, exercendo bondade e compaixão, ajudando o órfão e o desabrigado, esquecendo sujeito e objeto, anulando sombra e forma, tornando-te uma pessoa além de medida, vivendo num reino de experiência além de medida e realizando uma tarefa além de medida.

Liao-an

Curar a Loucura

Os ensinamentos de todo o vasto cânone são todas prescrições para curar o louco. Se vês a origem, a mente louca pára abruptamente, e podes espontaneamente soltar uma gargalhada.

Liao-an

O Fundamental

Basta obter o fundamental, não te preocupes com os ramos. O que é a raiz, o que são os ramos? Conhecer a mente e ver a sua essência é a raiz; explicar o Zen e expor o caminho são os ramos. Se conheces a mente e vês a sua essência, podes falar à vontade e ir para onde os teus pés te levem — nada está fora do caminho.

Liao-an

Tomar um Ladrão por Filho

As pessoas que estudam o caminho não conhecem o real simplesmente porque têm reconhecido a mente consciente. A raiz de

infinitos éones de nascimento e morte, pessoas ignorantes chamam-lhe o ser humano original. Se os aprendizes não distinguem com habilidade e tomam a mente consciente por si mesmos, isto é o que nos ensinamentos se chama tomar um ladrão por filho — a fortuna da família nunca será estabelecida.

Liao-an

Um Ponto de Partida

Se os principiantes que estudam o Zen receiam não ter ainda um ponto de partida nem direção, ainda assim, nada mais há a dizer senão que cada um tem um rosto original, que nunca reconheceram. Este rosto original é um com todos os budas: vinte e quatro horas por dia, enquanto falas, estás em silêncio, ativo, quieto, a andar, a estar de pé, sentado e deitado, tudo isto se deve ao seu empoderamento. Basta reconhecer isto interiormente, e aí tens um ponto de partida; aí tens direção.

Wei-tse (m. 1348)

O Caminho Subtil

O caminho subtil dos budas e mestres Zen não é uma criação irracional de problemas enredados, nem é excentricidade ou bizarria. E não é algo muito elevado e difícil de praticar: é apenas aquilo que usas constantemente nas tuas atividades diárias. Se tivermos de lhe dar um nome, poderíamos chamar-lhe o Buda real natural na tua própria natureza, ou o mestre dentro de ti próprio. Em termos quotidianos, em todos os momentos e lugares, vês e ouves com os olhos e ouvidos do Buda Shakyamuni, falas e respiras com a língua e o nariz do fundador do Zen, Bodhidharma. Em termos últimos, as vidas individuais de todos os budas e mestres Zen das dez direções estão todas na tua mão — reuni-los ou deixá-los dispersar depende apenas de ti.

Wei-tse

A Própria Consciência

A subtil e perfeita essência da consciência é basicamente aberta e calma de forma espontânea, equânime e pura, vasta como o espaço. Não pode ser indicada em termos de qualquer forma concreta, não pode ser abordada em termos de localização. Não pode ser acedida por qualquer porta ou caminho, não pode ser retratada ou copiada pelas cores do espectro.

Wei-tse

Parar e Ver

A calma e a visão desenvolvem-se através da serenidade dos pensamentos: a mente dos budas manifesta-se aí. Este dito parece referir-se a cessação e observação, ou parar e ver. O oceano da natureza, a que todas as coisas retornam igualmente, é essencialmente uno, silencioso, sempre claro e calmo. Quando é agitado pelas influências das condições, então ondas de consciência e vagas de emoção emergem de dez mil formas. Sem parar, não há maneira de clarificar a sua clareza e acalmar a sua calma.

O cosmos da realidade, manifestando completamente a unidade, está sempre evidente e sempre claro quando as visões se dissipam e as coisas desaparecem: assim que é obscurecido pelo pó das obstruções comportamentais e intelectuais, então o nevoeiro da confusão e as nuvens da ilusão coalescem em miríades de formas. Sem ver, não há maneira de trazer à luz a sua clareza evidente. Quando todas as agitações cessaram e nenhuma onda surge, miríades de fenómenos estão claros, sem confusão, sem obstrução. Assim, ver não é separado de parar.

Uma vez dissipadas as camadas de obscuridade e não ocorrendo qualquer turvação, as dez direções estão vazias, sem movimento, sem agitação. Assim, parar não está fora de ver. Parar é como concentração, ver é como discernimento. Na medida em que vemos parando, a concentração é o catalisador do discernimento; na medida em que paramos vendo, o discernimento é a base da concentração. Quando o catalisador do discernimento não se esgota, parar é

suficiente para auxiliar a função de ver; quando a base da concentração não falta, ver é suficiente para cumprir a realização de parar. Parar sem ver pode deteriorar-se em estagnação; ver sem parar pode degenerar em curiosidade.

Parar é, claro, parar o movimento, mas é também a raiz do movimento: assim, quando se pára sem ver, ou se cai numa quietude vazia, ou surge a distração. Ver é, claro, iluminar o obscuro, mas é também a raiz da obscuridade: assim, quando se vê sem parar, ou se deriva para o pensamento e a reflexão, ou ocorre imersão na ilusão. Portanto, parar e ver precisam um do outro; nenhum pode ser negligenciado.

Então este parar não é parar intrínseco: depende de movimento e quietude para manifestar a sua realização. E este ver não é ver independente: depende de obscuridade e clareza para revelar a sua função. Uma vez que não estão para além de realização e função, como podem ser chamados verdadeiro parar e verdadeiro ver? Se parar e realização não são estabelecidos, e ver e função são ambos esquecidos, depois disso tanto o movimento como a quietude são parar com verdadeiro ver, e tanto a escuridão como a luz são ver com verdadeiro parar.

Quando parar com verdadeiro ver funde movimento e quietude, então as centenas de milhares de budas entram em concentração correta no meio das vagas de sentimentos e das ondas de consciência, que não prejudicam aquilo que é essencialmente uno e silencioso. Quando ver com verdadeiro parar funde escuridão e luz, então os oitenta mil métodos de prática iluminam o conhecimento correto no meio do nevoeiro da confusão e das nuvens da ilusão, que não impedem aquilo que faz desaparecer as visões e as coisas. Quando chegas a isto, então os pensamentos tornam-se imóveis sem serem imobilizados, calma e discernimento surgem sem serem produzidos, a mente dos budas aparece sem ser revelada. Tentar compará-la ao corpo do espaço cósmico ou à luz de mil sóis seria estar mais longe do que o céu está da terra.

Wei-tse

O Grande Caminho

As pessoas que estudam o caminho hoje não compreendem o grande caminho — apenas se esforçam por satisfazer a ganância e a ambição. Logo no início da sua inspiração para estudar o caminho, a sua compreensão inicial já está errada. O caminho é a via da pureza fundamental: por imensos éones, e até ao presente, não tem ganho nem perda, não tem novo nem velho, não tem luz nem escuridão, não tem forma nem nome. Não é mais nos budas nem menos nas pessoas comuns. Insistir em chamá-lo caminho já é maculá-lo; dizer que algo se realiza por métodos de aprendizagem do caminho é o que chamo erro. Foi por falta de alternativa que os antigos se referiram às pessoas que se dirigiam para a transcendência como estudantes do caminho.

O estudo é que não há nada para estudar; o caminho é que não há nada para ser caminho. Uma vez que não há nada para estudar, não há apego; uma vez que não há nada para ser caminho, não há seguimento. Se alguém descuidadamente escorrega e diz a palavra Buda, deve simplesmente lavar a boca durante três anos — só assim pode ser chamado verdadeiro estudante do caminho. Nan-ch'uan disse: "O caminho não está no domínio do saber, nem no domínio do não-saber. Saber é consciência falsa, não-saber é indiferença. Se realmente chegas ao caminho sem dúvida, é como o espaço cósmico — como podes insistir em afirmação e negação?"

Shu-chung (m. 1386)

O Rosto Original

Qual era o meu rosto original antes de os meus pais me darem à luz? Este *kung-an* é uma espada afiada para cortar a rede do nascimento e da morte, um machado gigante para derrubar a árvore das aflições. Basta olhares para ele de perto em todos os momentos, seja o que for que estejas a fazer, nunca o esquecendo por um momento. Depois de muito tempo assim, naturalmente se tornará puro, surgindo espontaneamente sem ser evocado, vindo à mente espontaneamente sem ser trazido à mente: da cabeça aos pés, todo o corpo é apenas esta única afirmação. Quando chegas a este ponto,

já não encontras qualquer surgimento dos trabalhos mundanos anteriores e das falsas ideias. De repente, o fundo cai do balde de laca, antes e depois são cortados; então alcançarás a realização. Ainda assim, há uma revelação final.

Nan-shih (fl. ca. 1368–1425)

A Verdade Real

Em termos gerais, neste caminho é importante trabalhar a verdade real. Quando a verdade real imprime a mente, o caminho torna-se autoevidente. Se a mente não é verdadeira, então mesmo que assistas a palestras todos os dias e discutas o caminho constantemente, isso apenas fornece temas de conversa e é, em última análise, inútil no caminho. Então o que é a verdade real?

É apenas uma questão de olhar para a pureza da tua própria mente no decurso das atividades diárias, não sendo influenciado por nada de errado. Isso porque a mente é como um macaco, a consciência como um cavalo: sem a corrente e o freio da grande atenção a vigiá-los, será realmente difícil controlá-los, por mais engenhosos que sejam os teus dispositivos.

Mas quando os chicoteaste e domaste até à submissão, de modo que se fundem novamente em unidade, e todos os vestígios de nascimento e extinção desaparecem, então naturalmente percebes a iluminação subtil fundamental, totalmente vazia e, no entanto, estranhamente penetrante e eficaz. A própria realidade é mente — não há nada extra. Fala e ação estão de acordo com a objetividade perfeita. Só então se pode dizer que não estás a enganar a tua mente. Quando chegas ao ponto de não enganar a tua mente, então todas as coisas, sejam mundanas ou transcendentais, são ensinamentos de Buda; quer surja ou não surja, a tua mente é a mente de Buda.

Hui-ding (1528–1598)

Verdadeiros Buscadores

Verdadeiros buscadores da iluminação devem primeiro questionar-se a si próprios e descobrir a sua luz espiritual inerente. Depois devem encontrar outros para descobrir a chave para ir além. Ao penetrarem o cerne subtil do ser e do não-ser, agarrar e rejeitar são ambos vazios; ao atravessarem as maquinações sombrias do ganho e da perda, não dedicam energia a assuntos de glória e desgraça.

Hui-ching

Clareza e Calma

Quando parar e ver não têm portas de entrada, então o esquecimento e a distração são usados como portas. Quando o esquecimento e a distração não têm fundamento, clareza e calma são as fontes. Assim, aqueles que trilham o caminho fazem uso hábil do fogo de parar e ver para queimar as escórias do esquecimento e da distração. Uma vez completado o refinamento, a essência de parar e ver torna-se concentração e discernimento. Assim, os sábios podem virar céu e terra sem se perturbarem; este é o poder da concentração. Fazem investigação penetrante de todas as coisas sem se confundirem; esta é a eficácia do discernimento. Se assim for, então nas pessoas comuns clareza e calma são esquecimento e distração, enquanto nos sábios esquecimento e distração são concentração e discernimento.

Tzu-po (1543–1604)

Descobrir a Luz da Mente

Os principiantes que aprendem o caminho devem tornar a sua vontade firme e forte: vinte e quatro horas por dia, empunhar a espada da energia positiva para vencer demónios e maldições, cortando as aflições psicológicas. Quando olhas continuamente para um dito, descobres espontaneamente a luz da mente, contendo céu e terra, toda a terra completamente revelada.

Chien-ju (1549–1619)

Dois Testes

Tenho testado as pessoas por meio de duas coisas, e nunca vi ninguém passar. Quais são estas duas coisas? Uma é testá-las pelos escritos. Estes escritos são o corpo de ensinamentos constituído pelos ditos dos budas. Se dizes que experienciaste a realização, esta deve ser a realização da tua própria mente. A própria mente é a mente de Buda; se realizaste a mente de Buda, deves compreender as palavras dos budas. Se compreendes as palavras dos budas, então deves ser capaz de compreender imediatamente os ensinamentos das escrituras expostos pelos budas, bem como as diversas histórias dos mestres Zen, sem dúvida ou confusão.

Se alguém tiver dúvidas, então as suas alegações de realização não são necessariamente verdadeiras. A segunda coisa é testar a mente no decurso das atividades e interações diárias. Parece haver alguns que atuam como mestres até certo ponto, a quem as pessoas recorrem, mas que não estão realmente iluminados. Mas deixando-os de lado, e quanto a quando, em quietude tranquila e desprendida das coisas, ou sentado em meditação, parece haver ali algo, a subir e descer — isto é, certo e errado, ganho e perda, dúvida e confusão, agarrar e rejeitar. Podes estar em paz?

Se estás em paz, então mesmo que cada planta e árvore do mundo se transformasse num ser humano, cada um com infinitas línguas, com incontáveis perguntas desafiantes de infinita complexidade em cada língua, todas colocadas simultaneamente, bastaria um estalar de dedos para responder a todas. Isso seria considerado alcançar grande confiança e liberdade. Se ainda não podes estar em paz, não só és incapaz de interagir com vivacidade aguçada — mesmo quando estás em repouso sem nada a fazer já estás confuso. Por isso se diz: "Que os outros me aprovem é fácil; que eu me aprove a mim mesmo é difícil."

Yuan-cheng (ca. 1570s–1620s)

Olhos Puros

Os aprendizes usam os ensinamentos do cânone para abrir os seus próprios olhos puros; se os teus próprios olhos são fundamentalmente puros, que necessidade há de os abrir ainda mais? Os ensinamentos são expostos para aqueles que não compreenderam. A Escritura da Iluminação Completa diz: "A budeidade só é atingida após a cessação permanente da ignorância por meio da pureza da consciência panorâmica." Se sabes que a ignorância é originalmente inexistente e a natureza da consciência é irreal, então montanhas e rios não bloqueiam a luz dos teus olhos — como podem os sentidos e os objetos danificar o corpo da consciência? Ver através de incontáveis mundos não parece difícil.

Yuan-lai (1575–1630)

A Nature de Buda Real e Natural

A natureza de Buda real e natural é sempre inerentemente completa e luminosa; assim era antes de os nossos pais nos darem à luz, assim é agora, e assim será para sempre. Originalmente não há uma única coisa. Uma vez que não há uma única coisa, o que pode ser chamado de original? Se conseguires ver isto, pouparás ao máximo a energia mental. Quando surgirem pensamentos divergentes, corta-os firmemente tu mesmo. Isto é chamado, de forma expedita, concentração e discernimento, mas não é uma realidade; esta mente em si é inerentemente concentrada e inerentemente dotada de discernimento.

Huang-po disse:

"Esta mente é sempre intrinsecamente redonda e brilhante, iluminando em toda a parte. As pessoas do mundo não a conhecem, e limitam-se a reconhecer a perceção e a cognição como mente. Esvazia a perceção e a cognição, e o caminho da mente chega ao fim." Ele também disse: "Se queres conhecer a mente, ela não está separada da perceção e da cognição; e, no entanto, a mente original não pertence nem à perceção nem à cognição." Ao chegares aqui, é realmente essencial olhares para dentro de ti; não é uma questão de

explicações verbais. Quanto mais se fala, mais se fica afastado do caminho. Aqueles que têm êxito na introspeção sabem por si próprios quando o momento chega e não precisam de perguntar a ninguém — todas as falsas imaginações e pensamentos emocionais desaparecem naturalmente. Este é o efeito de aprender o caminho. Mil falsidades não se comparam a uma única verdade. Se não for assim, mesmo que apliques conscientemente a tua mente, procurando eficácia diariamente, tudo está no domínio da impermanência, do vir-a-ser e do desaparecer. Um mestre disse: "Se queres cultivar a prática e procurar tornar-te Buda, não sei onde irás tentar procurar o real." Se conseguires ver a realidade na própria mente de forma espontânea, ter realidade é a base para atingir a budeidade. Se procuras o Buda externamente sem ver a tua própria natureza essencial, és um completo ignorante.

Ta-tu (século XVII)

A Luz Espiritual

A luz espiritual brilha de forma independente, transcendentalmente liberta dos órgãos e dos objetos dos sentidos. Esta afirmação diz tudo. Se a conseguires compreender, como ousaria eu falar muito? Se não, então vou complicar um pouco para já. A luz espiritual dos seres vivos originalmente não tem obstrução, mas sentimentos ilusórios surgem na confusão. A partir disto, existem seis órgãos sensoriais no interior e objetos dos seis sentidos no exterior: com a oposição entre órgãos e objetos, surge descontrolada a falsa consciência, produzindo o bem e o mal, iniciando ações virtuosas e más.

Por causa destas ações, os seres vivos giram numa variedade de estados mundanos, como uma roldana, onda após onda, era após era, emergindo e afundando-se, sem fim. Os budas tiveram compaixão deles e expuseram o grande ensinamento, tudo apenas para esclarecer este brilhar independente da luz espiritual. Se a luz espiritual não for obscurecida, órgãos e objetos desaparecem subitamente, a mente é esquecida e o mundo fica silencioso: consciência panorâmica abrangente, a substância do despertar é o ser tal como é. Se a luz não for revelada, precisas de um método. O método não é pedir a alguém que explique, não é estudar escrituras, não é fazer muitas obras de caridade, não é fechar os olhos e sentar-

se como se estivesse morto. Basta olhar atentamente para a questão de qual é o teu rosto original no decurso da vida quotidiana. Não penses se é difícil ou fácil, ou distante ou próximo; e não te preocupes se as tuas próprias faculdades e potencial são lentos e fracos, ou se estás demasiado obstruído por hábitos passados. Simplesmente avança e faz; depois de muito tempo, acabarás por te deparar com isso de repente.

Yuan-hsien (1618–1697)

Esforço no Estudo

Todos têm uma tocha que emite grande luz: originalmente ilumina espontaneamente o céu e a terra; não há distância que não alcance. Não é diferente dos budas e dos mestres Zen, mas quando fica coberta por falsas ideias e trabalhos materiais, de modo a que não possa sair, torna-se necessário usar esforço no estudo para a polir. O que é esforço no estudo? Significa colocar todas as tuas energias mentais e físicas diárias num único dito, sem permitir qualquer desvio. Depois de muito tempo, não apenas as tuas energias mentais e físicas se condensarão numa única massa; a terra inteira, montanhas e rios, e o espaço das dez direções também se condensarão numa única massa, como uma pílula de ferro. Um dia, através de algum acontecimento fortuito, a pílula de ferro explodirá, produzindo os olhos do Zen; então as montanhas, rios e toda a terra são um vasto tesouro de luz.

Yuan-hsien

Participação

O caminho do Zen valoriza a participação. O que significa participação é que não pode ser ordenada por mestres e anciãos, não pode ser feita por colegas por ti, não pode ser adulterada por energias externas, não pode ser confinada por forma exterior; está apenas no poder da tua própria mente. Avança com ousadia e bravura como um grande guerreiro com uma única espada montado num cavalo solitário, investindo contra um exército de um milhão para matar o comandante. Isso não seria notável? Mas se pensas se será difícil ou fácil, e te preocupas se está longe ou perto, ansioso sobre se terás

sucesso ou fracasso, então não consegues nem sequer manter-te de pé sozinho, quanto mais participar no Zen.

Yuan-hsien

Mente Verdadeira

Não há muitas artes no estudo do Zen: apenas exige conhecer a tua própria mente verdadeira. Observa agora que, dentro deste corpo, os elementos físicos combinam-se temporariamente, dirigindo-se diariamente para a extinção: onde está a mente verdadeira? O turbilhão de ideias e pensamentos que surgem e desaparecem sem constância não é a mente verdadeira. Aquilo que muda e se altera instavelmente, por vezes bom, por vezes mau, não é a mente verdadeira. Aquilo que depende totalmente de coisas externas para se manifestar, e não é aparente quando nada há, não é a mente verdadeira.

O coração dentro do corpo não se pode ver a si mesmo, cego para o interior; não é a mente verdadeira. Aquilo que é não-afetado por sentimentos fora do corpo, cortado do exterior, não é a mente verdadeira. Suponhamos que voltas a luz da consciência para olhar para dentro, e sentes uma tranquilidade recôndita e uma unidade calma; consideras isto a mente verdadeira? Ainda não percebes que essa tranquilidade recôndita e unidade calma se devem à perceção da mente falsa: há a mente subjetiva que percebe e o objeto percebido — assim, essa tranquilidade recôndita e unidade calma pertencem totalmente ao domínio dos estados internos.

É isto que significa a *Escritura do Progresso Heroico* quando diz: "Manter-se interiormente na tranquilidade recôndita é ainda um reflexo da discriminação de objetos." Como poderia ser a mente verdadeira? Então, se estas não são a mente verdadeira, o que é a mente verdadeira? Tenta ver qual é a tua mente verdadeira, vinte e quatro horas por dia. Não tentes descobri-la, não tentes interpretá-la intelectualmente, não tentes que alguém te explique, não procures outra técnica, não calcules quanto tempo poderá levar, não calcules o grau da tua própria força — apenas persegue silenciosamente esta investigação interior por ti mesmo: "Afinal, o que é a minha própria mente verdadeira?"

Yuan-hsien

Vazio e Silêncio

As pessoas que aprendem o caminho devem primeiro esvaziar e silenciar as suas mentes. Isto porque a mente deve estar vazia e silenciosa antes que possa compreender de forma mística o princípio subtil. Se a mente não for esvaziada, é como um jarro cheio de leite de burra — como podes enchê-lo também com leite de leão? Se a mente não for silenciosa, é como uma lâmpada ao vento, ou como água turbulenta — como pode refletir miríades de formas? Por isso, os aprendizes devem primeiro parar a cogitação e minimizar os objetos de atenção, tornando a mente vazia e silenciosa. Depois disso tens uma base para atingir o caminho.

Como disse Te-shan: "Basta não teres mente nas coisas nem coisas na tua mente, e serás naturalmente vazio e espiritual, tranquilo e sublime." No entanto, não deves instalar-te na quietude vazia, sentado relaxado e sem entraves no nada. Deves estar realmente atento, investigando diligentemente, antes que possas romper a barreira da ilusão e realizar a grande tarefa. As forças do hábito das pessoas, acumuladas desde tempos sem início, estão profundamente enraizadas; se queres arrancá-las hoje, não será fácil. É preciso ter uma vontade firme a estimular-te constantemente. Esforça-te por progredir no trabalho, sem pensar em quanto tempo poderá levar. Quando tiveres praticado durante muito tempo, tornar-te-ás naturalmente pacífico e inteiro. Para que procurar qualquer outro método especial?

Yuan-hsien

Evitar Raposas e Cães

A natureza essencial básica, inerente a todas as pessoas, é claramente evidente quando a percebes constantemente dentro de ti; se persegues objetos externos, então ela fica obscurecida; ficas confuso e não desperto.

É por isso que as pessoas de antigamente olhavam para um dito — imediatamente a atenção reunia-se num único ponto, e não eras

atraído pelo mundo exterior. Eventualmente o mundo é esquecido e os objetos desaparecem; então a luz original inerente surge naturalmente revelada.

Se começares arbitrariamente a tentar decifrar o dito, entras imediatamente num caminho errado. Se quiseres perguntar a outras pessoas, isso também aumenta a tua confusão e aflição. Portanto, o método de olhar para um dito é simplesmente manteres a tua mente nele, com um sentimento de dúvida que não se dissipa. Grande dúvida resulta em grande iluminação, pequena dúvida resulta em pequena iluminação, nenhuma dúvida resulta em nenhuma iluminação. Este é um facto estabelecido.

As pessoas hoje em dia não querem olhar para os ditos: apenas se reúnem em grupos para discutir este ou aquele dito como sendo assim ou assado, chamando-lhe grande iluminação quando conseguem explicá-los claramente. Como os mestres não têm verdadeiro discernimento, quando veem semelhança nas palavras de outros, dão-lhes selos de aprovação inúteis, dizendo que são pessoas realizadas. Mestres e discípulos envolvem-se num engano mútuo, defraudando-se uns aos outros.

É por isso que o caminho do Zen hoje deteriorou-se e morreu, enquanto bandos de raposas e matilhas de cães reivindicam honra por todo o lado, enganando o mundo inteiro. Irão para o inferno como uma flecha disparada. Se queres estudar Zen, certifica-te de que não cais na companhia dessas quadrilhas de demónios.

Lista de Mestres Zen

Fu Shan-hui (487–569)
Tao-hsin (580–651)
Niu-t'ou Hui-chung (683–769)
Ma-tsu (709–788)
Ta-chu (século VIII)
Ta-mei (ca. 805)
Pai-chang (720–814)
Tan-hsia (738–824)
Nan-ch'uan (747–834)
Kao-ch'eng (s.d.)
Te-shan (m. 867)
Ta-sui (800–880)
Ta-an (m. 883)
Tzu-hu (século IX)
Yen-t'ou (827–887)
Chao-chou (778–897)
T'ou-tzu (845–914)
Lung-ya (834–920)
Hsuan-sha (séculos IX–X)
Ku-shan (m. ca. 940)
Fa-yen (885–958)
Tung-shan Shou-ch'u (910/15–990/95)
Chih-men (fl. ca. 1000–1020)
Shih-shuang (986–1039)
She-hsien (séculos X–XI)
Sheng-ting (séculos X–XI)
Chieng-ku (fl. ca. 1037)
Yang-ch'i (992–1049)
Tao-wu Wu-chên (fl. ca. 1025–1060)
Fa-hua (fl. ca. 1000–1056)
Ta-yü Shou-chih (m. ca. 1060)
Tsu-hsin (século XI)
Ssu-hsin (século XI)
Chen-ching (exilado 1080)
Yun-feng Wen-yueh (m. ca. 1060)
I-ch'ing (1032–1083)
Hui-lin (1020–1099)
Fu-jung (1042–1118)
Huai-shan (fl. ca. 1115)

Hui-k'ung (1096–1158)
Tzu-te (1090–1159)
P'u-an (m. 1169)
Ying-an (m. 1163)
Huai-t'ang (século XII)
Fo-hsing T'ai (século XII)
Fu-an (século XII)
Yueh-lin (século XIII)
Sung-yuan (1140–1209)
P'o-an (1136–1211)
Ch'ih-chueh (fl. ca. 1208–1225)
Fo-chih (fl. ca. 1228)
Pei-chien (1185–1246)
Wu-chun (m. 1249)
Chueh-an (1250s)
Hsi-sou (fl. ca. 1249)
Yun-ku (fl. ca. 1256)
Wu-men (1183–1260)
Tuan-ch'iao (ca. 1241)
Hsueh-yen (fl. ca. 1253)
Hsi-yen (1198–1262)
Kao-feng (1260s)
Hsu-t'ang (1185–1269)
Hai-yin (ca. 1282)
Wu-chien (fl. ca. 1265–1300)
Ku-lin (fl. ca. 1297–1308)
Ming-pen (1263–1323)
Hsiao-yin (fl. ca. 1330)
Liao-an (fl. ca. 1330)
Wei-tse (m. 1348)
Shu-chung (m. 1386)
Nan-shih (fl. ca. 1368–1425)
Hui-ching (1528–1598)
Tzu-po (1543–1604)
Chien-ju (1549–1619)
Yuan-cheng (ca. 1570s–1620s)
Yuan-lai (1575–1630)
Ta-tu (século XVII)
Yuan-hsien (1618–1697)